

Departamento de Psicologia Social das Organizações

O SOM E OS OUTROS NA VIDA E NA MORTE

Percepções da vida e da morte na adolescência

Rute Rodrigues do Canto Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Abílio Oliveira

ISCTE - IUL

Junho 2009

“Apreciaríamos mais a vida se aceitássemos a morte?”

(Oliveira, 2008b, p. 23)

Agradecimentos

A vida não é o destino, são todos os trilhos, todos os caminhos que, amiúde sem certezas e tantas vezes a medo nos propomos palmilhar. Somos quem tocamos, somos tão grandes quanto a nossa capacidade de acreditar, de fazer, de sentir...de viver.

Este trabalho dificilmente chegaria até aqui sem a contribuição de algumas pessoas. Agradeço por isso:

Às minhas irmãs, Maria e Rafaela, pelo amor incondicional, pelo exemplo de força e coragem, por acreditarem em mim. Ao Miguel, pelos maravilhosos anos de amor, cumplicidade e compreensão. O vosso orgulho em mim conduzir-me-á à excelência.

Ao meu orientador, professor Abílio, que com a sua serenidade, empenho, dedicação e entusiasmo, fez da realização deste trabalho, uma aventura inesquecível. Não poderia ter escolhido melhor pessoa para me acompanhar neste percurso.

A todos os jovens que colaboraram no meu estudo e à Dra. Maria do Sameiro pela sua disponibilidade.

Aos meus amigos que me levantaram quando eu pensei que não conseguiria aguentar a carga. A todas as suas dúvidas, críticas e questões.

À Associação de Estudantes do ISCTE-IUL e a todos os que se preocuparam e me fizeram as perguntas certas.

E, finalmente, a duas pessoas que foram, são, e serão sempre os meus grandes pilares e maiores exemplos. Ao meu avô, que me deixou já na fase final da elaboração deste trabalho.

E à minha mãe. Sobretudo a ela. Todos os dias sinto a tua falta.

Porque te prometi, um dia, Mãe, que conseguiria.

I wish you were here.

Ad eternum.

Resumo

O objectivo principal deste trabalho foi apreender as representações sociais (RS) da vida e da morte numa população adolescente. Pretendeu-se, igualmente, perceber que associações poderiam existir entre estas representações e as preferências musicais destes jovens, bem como com as opiniões dos outros (por exemplo, pai, mãe, amigos, namorado). Para isso, foi aplicado um questionário a 262 jovens, de ambos os sexos, entre os 15 e os 19 anos, alunos do secundário. Os resultados indicam que estes adolescentes têm clara preferência por música *rock*, que a vida é associada sobretudo aos amigos e à diversão, e que a morte é representada essencialmente como tristeza, dor e sofrimento. Importa salientar que estas representações variam de acordo com a pertença social, sendo que as raparigas, mais do que os rapazes, tendem a ancorar a vida ao relacionamento com o outro e ao mal-estar; os jovens de 15-16 anos entendem-na como realização pessoal, mais do que os adolescentes de 17-19 anos. Relativamente às representações da morte, são as raparigas que mais salientam as dimensões associadas ao mal-estar, ao ritualismo e ao relacionamento/afastamento do outro. As opiniões dos amigos são muito importantes nas preferências musicais, assim como são, em particular, as da família e dos amigos, nas RS da vida e da morte.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, Morte, Música, Representações Sociais, Vida

3020 Group & Interpersonal Processes

3040 Social Perception & Cognition

Abstract

The purpose of this study was to understand how life and death are represented among an adolescent population. It was our goal, as well, to examine how these social representations might be linked with musical preferences and with the opinion of significant others (such as mother, father, friends). To accomplish this goal, a questionnaire was completed by 262 adolescent's students, male and female, 15 to 19 years old, from a public school. The findings indicate that *rock* is among the most important references in music, that life is mainly associated to friends and amusement and death is represented as sadness, suffering and pain. Results also suggest that girls, more than boys, are most likely to represent life with sadness and as closeness to others; and that, in particular, younger adolescents (15-16 years old) seem to understand it as personal accomplishment. Regarding social representations of death, girls anchor it mainly in feelings of sadness, pain and loss, in its ritualistic component and in the absence of others. The opinions of others proved to be relevant not only regarding musical preferences, but also in understanding life and death.

KEY WORDS: Adolescence, Death, Life, Music, Social Representations

3020 Group & Interpersonal Processes

3040 Social Perception & Cognition

Índice

INTRODUÇÃO GERAL	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. A ADOLESCÊNCIA	4
1.1. Introdução ao capítulo	4
1.2. O despertar: algumas concepções do desenvolvimento	4
1.3. O desafio social: os outros	6
1.4. Sons na adolescência: a importância da música	7
1.5. Música como instrumento social partilhado	8
1.6. Preferências e estilos musicais	8
2. A VIDA E A MORTE	10
2.1. Introdução ao capítulo	10
2.2. Duas faces da mesma moeda	10
2.3. Perspectiva histórico-social	11
2.4. Os diferentes tipos de morte: do biológico ao social	12
2.5. Os adolescentes e a morte	13
3. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	14
3.1. Introdução ao capítulo	14
3.2. Definindo o conceito	14
3.3. A abrangência do conceito	15
3.4. Representações hegemónicas, emancipadas e polémicas	16
3.5. Objectivação e ancoragem	16
3.6. Representando a morte e a vida	17

INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	19
4. APRESENTAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	
4.1. Introdução à investigação empírica	19
4.2. Objectivos principais	19
4.3. Hipóteses gerais	20
4.4. Método	
4.4.1. Participantes	21
4.4.2. Variáveis	22
4.4.3. Procedimento prévio	22
4.4.4. Instrumento de medida	23
4.4.5. Procedimento	23
4.5. Tratamento dos dados	24
4.6. Resultados	24
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	39
6. CONCLUSÕES	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	53
1. Quadros de análise descritiva	53
2. ACP – Soluções iniciais das variáveis	57
3. Instrumento de medida	62

INTRODUÇÃO GERAL

Dois mil e quinhentos anos. É quanto dista entre as primeiras discussões, com Platão e Aristóteles, sobre a existência de um período de características muito próprias entre a infância e a idade adulta, e a consciência de que esta fase - que se veio a designar por adolescência - não só existia, como propiciava um campo fértil para se estudarem grandes fenómenos (Lerner e Steinberg, 2004). Sobre a adolescência já muito se sabe. E de muito se pode falar. Do funcionamento orgânico, de como os adolescentes tomam decisões, de como se relacionam e desenvolvem competências, ou sobre as suas atitudes perante vários estímulos (Moshman, 2005). Temos hoje, no mundo ocidental, a adolescência como uma das fases mais interessantes e estimulantes da vida humana, uma fase onde (quase) tudo é possível (e.g., Nurmi, 2004), embora a sua experiência e vivência não seja consensual nem transversal a todas as culturas ou realidades (e.g., Adams, 2005).

Mudança é o conceito mais comumente aceite quando se fala em adolescência, período marcado pela incerteza, indecisão, inquietude e desejo de colocar tudo em causa, de viver no limite (e.g., Blos, 1962; Braconnier, 2002; Frankel, 1999; Heaven, 1994; Pais, 1996; Oliveira, 2008a; Papalia et al, 2001; Sampaio, 1993). A lidar com o seu crescimento físico, com o despertar de novas formas de pensar e de sentir (e.g., Piaget, 1978; Sprinthall e Sprinthall, 1993), o adolescente procura afirmar a sua individualidade e autonomia enquanto busca o seu papel no seio da sociedade (e.g., Erikson, 1972; Heaven, 1994). É nesta fase de incertezas que temas como a morte ou a vida assumem particular relevância (e.g., Crepet, 2002; Fonseca, 2002; Laufer, 2000; Sampaio, 1993). O conceito de morte e a curiosidade que a mesma suscita fazem parte da existência humana, sobretudo da fantasia da criança em relação ao mundo (e.g., Crepet, 2002). Qualquer criança ou jovem pensa frequentemente na morte e depara-se com ela nas mais diversas situações e contextos (e.g., Bowlby, 1998; Clerget, 2001; Frankel, 1999; Kastenbaum, 2001). Mas numa sociedade que a receia, esconde ou dissimula, os jovens nem sempre têm oportunidade para se expressarem ou para serem devidamente ouvidos (e.g., Bradbury, 1999; Sampaio, 1993, 2002).

Estudar a forma como a morte é pensada e representada, constitui um veículo privilegiado para se poderem observar os processos que assistem ao nosso esforço de transformar o que não nos é familiar em algo que o seja. E, relativamente à morte, quase tudo nela nos é estranho e incómodo, desde os rituais que se lhe associam (velório, funeral, caixão, enterramento ou cremação) até à própria decomposição do corpo e, sobretudo, à ausência da

pessoa que parte (e.g., Bradbury, 1999). A morte, não sendo familiar, está bastante presente no imaginário e quotidiano dos adolescentes, e pode ser representada não tanto como um fim mas, antes, como um afastamento (e.g., Oliveira, 2008a).

Sabendo que os indivíduos, mais do que receptores e processadores de informação são, em muito, construtores de significado (Vala, 2004), o que significa a vida e a morte para os adolescentes? Como representam eles aquilo que, afinal, atinge a todos?

Se pensarmos que as representações sociais (RS) são uma forma de conhecimento, gerada no dia-a-dia, fruto das interações e que, por estruturarem conceitos, atitudes e opiniões, mais não são do que a forma como as realidades são pensadas (Moscovici, 1981), então, pensar e comunicar sobre a vida e a morte é representá-las.

Ser (ou transformar-se em) adolescente significa, também, a reorganização de sentimentos e a adopção de novas formas de relacionamento com os outros (e.g., Sampaio, 1993, 2002). O natural processo de autonomização afasta os jovens dos pais e aproxima-os do grupo de pares, com quem partilham pensamentos, imagens e sentimentos sobre tudo o que os rodeia (e.g., Laufer, 2000; Palmonari et al., 1991; Sprinthall e Sprinthall, 1993).

Neste universo profundamente marcado pela presença dos outros, e pelo som da música que acompanha as suas descobertas (e.g., Abreu, 2000; Borralho, 2002; Oliveira, 2008a; Sampaio, 1993), pensar estes temas implica representá-los das mais diversas formas. Aceder às representações sociais dos adolescentes sobre temas tão estruturantes como são a vida e a morte, afigura-se como um passo importante em termos psicossociais e contribui para um melhor entendimento dos seus comportamentos e atitudes. Abre-nos uma janela para a compreensão das suas dinâmicas cognitivas, emocionais e relacionais.

O carácter mais inovador do presente estudo reside na tentativa de percebermos em que medida estas representações se associam ou relacionam com as preferências musicais dos jovens. E, sobretudo, até que ponto as opiniões, pensamentos e sentimentos de alguns referentes relacionais, como o pai, a mãe, os amigos ou o namorado, podem ser relevantes para a construção das representações dos próprios adolescentes.

Daqui decorre a grande questão de investigação: verificar em que medida as representações sociais da vida e da morte variam em função da idade e do sexo, da música ouvida e da opinião dos outros, numa população adolescente. Como tal, temos por objectivos principais apreender as representações sociais da morte, da vida e as preferências musicais, entre adolescentes de ambos os sexos, estudantes do ensino secundário, entre os 15 e os 19 anos; e perceber em que medida as dimensões representacionais variam de acordo com os seus

grupos de pertença, tentando verificar que associações existem entre estas, e destas com as opiniões dos outros.

Este trabalho é constituído por duas partes. Na primeira parte apresentamos a fundamentação ou enquadramento teórico que engloba capítulos sobre a adolescência, a morte e a vida e a Teoria das Representações Sociais, adoptada como modelo teórico de referência. A segunda parte do trabalho é composta pela Investigação Empírica, onde salientamos as hipóteses gerais, o método, os resultados e a discussão dos mesmos. Finalizamos com as conclusões.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1

A ADOLESCÊNCIA

1.1. Introdução ao capítulo

Adolescere. Do latim crescer, evoluir rumo à maturidade (Lerner, e Steinberg, 2004). Percorrendo um caminho marcado pelas profundas alterações inerentes ao crescimento (e.g., Galambos, 2004; Moshman, 2005; Susman e Rogol, 2004) o adolescente deixará de ser apenas um membro do núcleo familiar para se transformar num pleno membro da sociedade (e.g., Nurmi, 2004). Longe de serem apenas agentes passivos da influência exterior (e.g., Lerner, 1983), os jovens agem directamente sobre o seu percurso, explorando, questionando, tomando decisões, escolhendo amizades e adoptando actividades que lhes interessem (e.g., Nurmi, 2004; Sampaio, 1993).

Neste capítulo, procuramos expor, brevemente, como se processa o desenvolvimento na adolescência, a importância dos outros – família e pares – no mesmo, e a relevância de actividades, em particular a música, a ela associadas.

1.2. O despertar: algumas concepções do desenvolvimento

A adolescência é, por excelência, o período de maiores e mais radicais desenvolvimentos no ciclo de vida humana. Tida como a ponte entre a infância e a idade adulta, a ela se atribuem importantes alterações físicas, cognitivas, afectivo-emocionais e psicossociais (e.g., Blos, 1962; Braconnier, 2002; Braconnier e Marcelli, 2000; Frankel, 1999; Pais, 1996; Papalia et al, 2001; Oliveira, 2008a; Sampaio, 1993). Embora a partir do final do século XIX a adolescência se tenha tornado um assunto de interesse científico (e.g., Oliveira, 2008a), o facto é que, praticamente dois séculos volvidos, continua a haver “muita disparidade de pontos de vista quanto ao início e término da adolescência, razão pela qual não há definição dos seus limites” (Campos, 2001, p. 51). Ainda assim, é em geral aceite que esta se inicia com a puberdade e termina com a escolha de uma profissão, adopção de valores próprios e o

desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória, podendo ser balizada entre os 11-12 anos e os 19-20 anos (e.g., Papalia et al 2001).

Sampaio (1991, 1993, 2002), no seguimento de trabalhos anteriores (e.g., Ladame, 1995), propõe três fases características no desenvolvimento do adolescente¹. A primeira corresponde ao período entre os 12 e os 15 anos (pré-adolescência), sendo caracterizado “não só pelas importantes mudanças físicas conhecidas por todos, mas também por sentimentos de solidão e certo isolamento” (Sampaio, 1993, p. 108). A adolescência é caracterizada por algum egocentrismo, por uma vivência muito intensa do presente e por um certo distanciamento dos pais (e.g., Fleming, 1993). É uma fase propícia a grandes descobertas, à preocupação com o corpo e à procura de modelos de identificação que tanto podem pertencer ao círculo de amigos, como a uma esfera mais distante (ex: desportista, músico) (Oliveira, 2008a).

A segunda fase, que compreende o período entre os 15 e os 18 anos, é definida por Ladame (1995) como a adolescência propriamente dita. Embrenhado numa busca crescente pela autonomia e independência relativamente, sobretudo, às figuras parentais, o adolescente luta pela afirmação dos seus próprios valores, sentimentos, pensamentos e desejos. É nesta altura que o grupo de pares se afirma como de extrema importância no desenvolvimento e construção de uma identidade. (e.g., Fleming, 1993; Oliveira, 2008a; Sprinthall e Collins, 1999).

A fase final da adolescência decorre entre os 18 e os 21 anos, sendo caracterizada pela consolidação da identidade sexual e pela diminuição da importância do grupo (e.g., Fonseca, 2002; Sampaio, 1993).

Paralelamente às evidentes mudanças biológicas, o adolescente passa por profundas alterações cognitivas que tornam possível o domínio das operações formais (e.g., Geldard e Geldard, 2000; Piaget, 1978; Sprinthall e Sprinthall, 1993). A teoria de Piaget (1978), pressupõe que o desenvolvimento cognitivo do ser humano acontece por estádios progressivos, numa procura pela adaptação ao meio, de forma cada vez mais diferenciada. A transição entre estádios requer o registo de alterações, por processos de equilíbrio.

Após os três primeiros estádios (sensório-motor até aos 2 anos; pré-operatório dos 2 aos 6-7 anos; operações concretas dos 6-7 aos 11-12 anos) no quarto, é adquirida a capacidade de pensar em termos abstractos. Então, “o pensamento formal torna-se possível, isto é, as operações lógicas começam a ser transpostas do plano da manipulação concreta para o plano das simples ideias” (Piaget, 1978, p. 92).

¹ Considera-se aqui o típico adolescente urbano escolarizado (Oliveira, 2008a; Sampaio, 1991, 1993, 2002).

O adolescente, indo além da percepção, da experiência ou da crença, consegue deduzir conclusões a partir de hipóteses, e não mais de meras observações do concreto (e.g., Piaget, 1978). Consegue fazer a ligação entre as suas experiências do passado, desafios do presente e ambições do futuro (e.g., Papalia et al, 2001). Conquista, igualmente, a capacidade de pensar sobre o seu próprio pensamento, sobre as suas relações de forma crítica e criativa, ainda que estas alterações ocorram de forma bem mais contínua do que possa parecer (e.g., Bouça, 1997; Campos, 2001; Geldard e Geldard, 2000; Piaget, 1978).

Vivendo um período de “*storm and stress*” (Heaven, 1994, p. 2), os adolescentes estão expostos ao inconstante e à incerteza, enquanto buscam a resposta para perguntas como “quem sou” e “para onde vou”. A esta fase, Erikson (1972) chamou crise de identidade. Dos oito estádios propostos por Erikson², o que mais directamente respeita à adolescência é o quinto (identidade vs difusão de papéis). Superar a crise implica submeter as identificações de infância a um processo de mudança. Criar uma nova identidade pressupõe dúvidas, confusão de papéis e procura por modelos de referência (e.g., Campos, 2001).

Como tal, a par das transformações físicas e cognitivas, ao adolescente é, simultaneamente, exigido o cumprimento de várias tarefas e novos papéis a desempenhar socialmente. “*Adolescents find themselves caught between childhood and adulthood*” (Heaven, 1994, p. 29).

1.3. O desafio social: os outros

Um dos maiores desafios do adolescente é encontrar-se a si, aos outros, enquanto procura descobrir qual o seu papel e o seu lugar na sociedade (e.g., Geldard e Geldard, 2000). É essa busca, tão solitária quanto feita em interacção com os outros - pais, colegas, amigos, ídolos - que permite ao adolescente diferenciar-se e afirmar uma identidade própria (e.g., Erikson, 1972; Geldard e Geldard, 2000; Sprinthall e Collins, 1999).

É em contexto familiar que decorrem os primeiros processos de socialização e é no seu seio que se fazem as primeiras grandes descobertas acerca do mundo (e.g., Fleming, 1993; Heaven, 1994; Sampaio, 1993; Sampaio, 1994). O enfraquecimento do vínculo com os pais coincide com a conquista de um grupo seguro de amigos com o qual o adolescente se identifica (e.g., Coleman, 1992, 1995; Laufer, 2000; Palmonari et al, 1991; Sprinthall e

² A teoria do estabelecimento do ego (Erikson, 1951), prevê que o desenvolvimento se desenrole através da resolução da crise que surge em cada um dos oito estádios: 1) confiança vs desconfiança; 2) autonomia vs vergonha; 3) iniciativa vs culpa; 4) diligência vs inferioridade; 5) identidade vs difusão de papéis; 6) intimidade vs isolamento; 7) generatividade vs estagnação; 8) integridade do ego vs desgosto e desespero.

Sprinthall, 1993). O processo de autonomização do adolescente será tanto mais pacífico quanto maior for o apoio percebido por parte dos pais (e.g., Bouça, 1997; Fonseca, 2002; Palmonari et al., 1991, Sampaio, 2002). O adolescente só conseguirá fazer uma transição serena para a idade adulta se os pais souberem reconhecer a necessidade de afastamento do filho. Um afastamento que não terá um cariz de abandono mas antes de liberdade e independência (e.g., Bowlby, 1998; Fleming, 1993; Heaven, 1994).

De acordo com um estudo relatado por Papalia et al. (2001), numa amostra de 4489 adolescentes, estes reportavam passar mais de metade das suas horas livres com os pares. De resto, as amizades podem ser tomadas como um passo decisivo na autonomização, já que implicam uma escolha e um compromisso directos (e.g., Coleman, 1992, 1995; Fleming, 1993; Papalia et al, 2001). O grupo de amigos pode ser responsável por despertar no adolescente a sensação de segurança e aceitação, constituindo um espaço privilegiado para a partilha de experiências, sensações, valores e interesses (e.g., Campos, 2001; Heaven, 1994; Oliveira, 2008a; Pommereau, 1998; Sampaio, 1993). A este grupo, Kelley (1952) chamou grupo de referência, porquanto é constituído por indivíduos psicologicamente importantes para o jovem, capazes mesmo de influenciar as suas atitudes, pensamentos e crenças (Mackie e Queller, 2000). A pertença a um grupo pode, até, levar o adolescente a sentir-se pressionado a agir de determinada maneira, ainda que contrária ao seu próprio discernimento (e.g., Heaven, 1994; Oliveira, 2008a; Vaillant, 2000).

A ligação a estes novos referentes encontra, por vezes, um obstáculo nos pais que procuram justificar as (naturais) mudanças observadas nos filhos, sobretudo a nível dos comportamentos, com as «companhias». O grupo de amigos pode, como tal, ser estigmatizado, tomado como causa directa das alterações que carecem de uma explicação plausível (Frankel, 1999). Essa culpabilização surge como uma defesa que pode resultar da não-aceitação do «outro» em quem o adolescente se está a transformar (e.g., Frankel, 1999; Papalia et al, 2001).

1.4. Sons na adolescência: a importância da música

Entre as várias actividades que assumem importância durante a adolescência, a música destaca-se claramente, já que desempenha um papel preponderante na formação da identidade (e.g., Barros, 2000; Rodrigues, 1997; Sampaio, 1993; Vallejo-Nágera, 2003) e é muito relevante na socialização entre os adolescentes (Abreu, 2000; Borralho, 2002; Cabral e Pais,

2003; Oliveira, 2008a). *“One key to richer understanding of youth culture lies in visual and musical expression: in styles and in rock”* (Fornas et al, 1995, p. 2).

Vários estudos (Barros, 2000; Borralho, 2002; Nunes, 1997; Rodrigues, 1997) reportam que os adolescentes atribuem grande importância ao acto de ouvir música. De resto, é muito frequente referirem-se ao facto de algumas músicas e/ou cantores falarem exactamente do que eles próprios sentem e pensam (e.g., Oliveira, 2008a; Sampaio, 1993). *“The music, lyrics and performance and appearance of performers and fans combine to present a particular identity that appeals to some young people”* (Crozier, 2000, p. 80).

Para Sampaio (1993), a música é uma forma de diversão, um veículo de libertação de tensão e uma maneira de identificação com figuras ideais, sendo o seu culto um sinal de entrada na adolescência.

1.5. Música como instrumento social partilhado

A música existe apenas em contexto social, já que a forma como as pessoas a ouvem, vivem e interpretam depende largamente do contexto em que se inserem (e.g., Hargreaves e North, 2000). A dança é um bom exemplo de como a música influencia e é influenciada pelo comportamento social (Crozier, 2000). Utilizada como forma de comunicação (Hargreaves e North, 2000), a música é capaz de aproximar pessoas e de criar um espaço de entendimento muito para além das palavras. Tanto que *“permite aceder ao universo dos símbolos e das representações que ajudam a superar as banalidades do dia-a-dia”* (Abreu, 2000, p. 145).

“Music has an extraordinary ability to evoke powerful emotions. This ability is particularly intriguing because, unlike most other stimuli that evoke emotion (...), music has no obvious intrinsic biological or survival value” (Blood et al, 1999, p. 382).

De acordo com Sacks (2007), a apetência para a música surge logo na infância e é transversal a todas as culturas. Funcionando como elemento agregador e integrador (e.g., Abreu, 2000; Braconnier e Marcelli, 2000), a música é capaz de *“identificar grupos e de os distinguir face à comunidade envolvente”* (Abreu, 2000, p. 133).

1.6. Preferências e estilos musicais

As nossas escolhas e o que chamamos de «gosto musical» podem reflectir alguns aspectos mais profundos daquilo que nos distingue (e.g., Kemp, 2000). Podem espelhar, igualmente, a

tendência para ouvirmos mais ou menos o mesmo que as pessoas que nos estão próximas ou que, de alguma forma, nos servem de referência, fenómeno muito relevante, sobretudo, entre os jovens (Lewis, 1992, citado por Russel, 2000). Conhecer as preferências musicais dos adolescentes constitui uma forma privilegiada de aceder ao seu mundo, já que podem reflectir as suas atitudes, valores e experiências, representando, como tal, uma forma de pais, professores, terapeutas poderem intervir baseados numa linguagem comum (e.g., Schwartz e Fouts, 2003).

Importa recordar que, por ser muito difícil classificar ou categorizar uma determinada banda, já que, com frequência, apresenta características que a aproxima de um ou outro género, é possível falar-se de alguns estilos mais gerais. O *rock n' roll*, nascido nos anos 50, resulta da fusão entre os blues, o jazz e o country e é muitas vezes utilizado para englobar toda a música jovem (e.g., Barros, 2000). O *heavy metal* e o *punk*, seus derivados, são, em particular, marcados pelo inconformismo, revolta ou pessimismo. A música *pop*, por sua vez, pode ser caracterizada como romântica ou mais rítmica, com voz pouco agressiva (Oliveira, 2008a). O *hip-hop*, de origem afro-americana, apresenta músicas com carácter interventivo de teor muitas vezes político-social. O *techno*, música predominantemente electrónica, conquistou um lugar próprio na música a partir dos anos 80 (e.g., Oliveira, 2008a).

“A importância da música na juventude é um fenómeno geracional que assume um impacto homogéneo, independentemente do sexo, da idade, da origem social ou dos estilos de vida” (Nunes, 1997, p. 305). A música pode não só influenciar os estados de espírito dos jovens como também exercer influência na sua maneira de pensar e agir (e.g., Gard, 1997; Mills, 1996; Nunes, 1997; Oliveira, 2008a).

De acordo com Oliveira (2008a), podemos distinguir entre o que são preferências por convicção (grupo ou estilo musical que é largamente apreciado e ao qual se volta recorrentemente) e preferências ocasionais (fruto da “moda” e da disponibilidade, são normalmente os estilos e as músicas que mais passam na rádio, nos bares ou nas discotecas).

Capítulo 2

A VIDA E A MORTE

2.1. Introdução ao capítulo

O começo e o «fim». Dois reflexos de uma única realidade. A vida, conceito a partir do qual se estruturam todos os outros. A morte, personificada, representada, simbolizada, deificada... temida. Pensar e falar sobre a vida e sobretudo sobre a morte é condicionado pela cultura e pela época, ainda que as alterações na forma como esta é percebida sejam lentas e pouco perceptíveis (e.g., Ariés, 1975). Porque a forma como a morte é encarada reflecte a forma como a vida é sentida e abordar a morte, é acima de tudo, abordar a vida (e.g., Coelho, 1991; Oliveira, 2008b).

Neste capítulo procura-se salientar o carácter indissociável da vida e da morte, apresentando esta última sob uma perspectiva essencialmente histórico-social, colocando o foco na forma como tem sido pensada e sentida ao longo dos tempos e no modo como os adolescentes a percebem.

2.2. Duas faces da mesma moeda

“To die is the human condition and reflection concerning death exists practically among all people” (Feifel, 1990, p. 537).

A vida e a morte surgem como dois conceitos indissociáveis e complementares; duas categorias chave no entendimento, interpretação e conhecimento de tudo o que existe (e.g., Kastenbaum, 2001; Morin, 1988; Oliveira, 2008b; Thomas, 1978). *“Death leads to life, as night leads to day”* (Bradbury, 1999, p. 115). De acordo com Lifton (1979), representar a morte e a vida como uma unidade, implica assumir que os pensamentos em relação à morte acompanham o desenvolvimento dos indivíduos desde o nascimento. De acordo com Oliveira (2008b), é-nos difícil aceitar a nossa morte, e doloroso imaginar a morte do outro. Por isso a representamos de modo abstracto, mitológico, simbólico, lúgubre, recorrendo a associações que alimentam a ilusão de que a podemos adiar ou substituir apenas por algo mais fácil de suportar. Todas as questões que a morte suscita e todas as respostas que se buscam são a matéria-prima das culturas (e.g., Machado, 1999, Morin, 1988; Thomas, 1978).

Não é um tema apenas actual. A curiosidade e a inquietação relativamente à morte acompanham a evolução da humanidade (Oliveira, 2008a, 2008b). Segundo Schimel et al (2007), o medo e a ansiedade causados pela ideia da morte têm origem na existência em nós de, por um lado, um forte apego à vida e instinto de preservação, e, por outro, da certeza da nossa própria mortalidade. De algum modo, todos queremos saber quando e como a morte chegará até nós. “*We are lured by thoughts of life’s ending*” (Nuland 1993, p. xv). Para além do decesso físico, preocupamo-nos com o seu sentido, “com tudo o que está para além e aquém desse momento” (Machado, 1999, p. 8). A dor e o desespero inerentes ao processo de perda de alguém amado, inevitavelmente, acabarão por fazer parte da história de vida de cada indivíduo (e.g., Kastenbaum, 2001; Oliveira, 2008b).

O aumento da esperança média de vida, nas últimas décadas, alterou a forma como nos relacionamos e pensamos a morte (e.g., Bradbury, 1999; Hennezel, 2002; Kastenbaum, 2001). A medicina garantiu aos indivíduos um prolongamento da sua existência física mas a ela não acrescentou qualquer novo sentido ou significado (e.g., Crepet, 2002; Kübler-Ross, 1991). De resto, quanto mais a humanidade avança no conhecimento científico, maior parece ser o seu receio relativamente à morte (Kübler-Ross, 1991).

2.3. Perspectiva histórico-social

Ao longo da história da humanidade a morte tem sido representada das mais diversas formas (Ariés, 1975; Morin, 1988; Vovelle, 1983), permanecendo, desde há muitos anos, como um dos grandes tabus da cultura ocidental (e.g., Vovelle, 1983). As pessoas não estão preparadas, mentalizadas ou ensinadas para a morte, pelo que a sua chegada é sempre brusca, violenta e traumatizante (Coelho, 1991).

A morte apresenta-se como um facto cultural pelas suas inúmeras ancoragens imagético-simbólicas e culturais, pela sua natureza, pelas imagens que a ela se associam, pela procura eterna das sociedades em ultrapassá-la (e.g., Flores, 1993; Machado, 1999). Afinal, à semelhança da dor, da doença e do envelhecimento, a morte deixa a descoberto a nossa vulnerabilidade e susceptibilidade psicológica (e.g., Oliveira, 2008b; Vovelle, 1993). Ao quererem triunfar sobre a morte, as sociedades “repousam num desejo de imortalidade” (Machado, 1999, p. 11).

Mas nem sempre representámos a morte da mesma forma. No mundo ocidental, na baixa Idade Média, a morte era tida como uma realidade familiar, próxima e inevitável, sendo assumida sem medo, desprezo ou desespero. Numa cerimónia pública, a morte acontecia em

contexto familiar (Oliveira, 2008b). O conceito de «boa morte» envolvia o arrependimento pelos erros cometidos e o resistir ao desespero do fim (e.g., Ariés, 1975; Mattoso, 1996).

“Dying well, like living well, is not a solitary activity; one needs partners, accomplices, witnesses. The “good death” involves not just the principal actor, but the supporting cast who fulfil their roles on his behalf” (Goldey, 1983, p 2).

Em sentido contrário, a «má morte» era entendida como toda aquela que, repentina (sobretudo resultante de acidente ou suicídio), não permitisse uma oportunidade de preparação ou redenção àquele que partia ou aos que sobreviviam (Bradbury, 1999). A partir da segunda Idade Média (séculos XII a XIV), a morte começou a ser sentida como a morte de si próprio, na qual o moribundo analisava escrupulosamente as suas acções durante a vida, sendo individualmente recompensado ou condenado por isso, no Além. Mais tarde, em particular na época romântica, a morte assumiu um carácter mais dramático passando a ser representada, sobretudo, como a separação do outro ou da pessoa amada (e.g., Ariés, 1975; Oliveira, 2008b; Vovelle, 1983).

Hoje em dia a morte é essencialmente interdita. Acontece, sobretudo, em contexto hospitalar (contexto social público), mas é vivida em solidão e isolamento (e.g, Kastenbaum, 2001; Oliveira 2008a, 2008b). A esta morte, escondida, asséptica e que nega o poder da natureza, Nuland (1993) chama “o método moderno da morte” (Nuland, 1993, p. xv).

2.4. Os diferentes tipos de morte: do biológico ao social

Segundo Thomas (1978), podem ser considerados 4 tipos de morte: a biológica (destruição irreversível das células corporais), a psíquica (associada à perda das capacidades cognitivas e à melancolia), a religiosa (crente que se convence que está a pecar mortalmente e por isso será condenado ao sofrimento eterno) e a morte social (separação e exclusão relativamente à família e à própria sociedade por incorrerem em comportamentos tidos por desviantes).

Speece e Brent (1987) definem três componentes do fenómeno da morte: a irreversibilidade (quando um ser vivo morre o seu corpo não volta a viver), não-funcionalidade (todas as funções cessam com a morte) e a universalidade (tudo o que é vivo, morre).

2.5. Os adolescentes e a morte

“Adolescents often do not fully grasp the concept of death. This can cause them to pay less attention to risk than they should” (Schowalter, 1987, p.7). De facto, à semelhança do que acontece com as crianças, também os adolescentes tendem a entender e representar a morte como uma realidade estilizada e, amiúde, revestida de glamour (e.g., Orbach et al, 1993; Patros e Shamo, 1989). Contudo, segundo Frankel (1999), os jovens estão conscientes da mortalidade humana, pelo que procuram viver e sentir tudo da forma mais experimental possível. E é por ser um apaixonado pela vida que o adolescente, por vezes, se aproxima e interessa tanto pela morte (Hanus, 1998; Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2001). Lifton (1979) defende que a capacidade para pensar a morte está associada ao sentimento de ligação aos outros, uma vez que a noção de separação é indissociável do conceito de morte.

Capítulo 3

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

3.1. Introdução ao capítulo

Não nos movemos no vazio. Da mesma forma que não pensamos, não sentimos nem comunicamos no vazio. As ideias, concepções e explicações que temos sobre o que nos rodeia são representações do social (Moscovici, 1981). São formas de conhecimento prático, construídas e partilhadas socialmente nas interações do dia-a-dia (Jodelet, 1984).

Representar significa transformar o desconhecido em familiar, significa ajustar o que é novo e potencialmente ameaçador a categorias já conhecidas (Moscovici, 1981). E pelo facto de a vida e, sobretudo a morte, serem conceitos tão complexos e sobre os quais muitos aspectos são pouco familiares, a teoria das representações sociais afigura-se como um precioso instrumento para percebermos como são pensados.

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos da teoria, os seus mecanismos essenciais e os pontos de encontro com algumas áreas sociais. Referimo-nos ainda às RS da vida e da morte.

3.2. Definindo o conceito

De acordo com Vala (2004), a ideia de que o indivíduo, como ser pensante, é ele próprio membro de um grupo que pensa e que se enquadra em instituições, também elas pensantes, faz dele não apenas receptor/processador de informação mas, sobretudo, um ser capaz de construir significado e teorizar a realidade social.

“When we study social representations, what we are studying are human beings asking questions and looking for answers, human beings who think, not just handle information or act in a certain way” (Moscovici, 1981, p. 182).

Chaplin (1981) fala de representação como “acção de tomar ou de simbolizar alguma coisa” (p. 501). Nesse sentido, podemos definir representação social (RS) como:

“Um conjunto de conceitos, proposições e explicações, que têm origem no quotidiano, no decorrer da comunicação inter-individual. Equivalem, na nossa sociedade, aos mitos e aos

sistemas de crenças das sociedades ancestrais, podendo mesmo ser entendidas como a versão moderna do senso comum” (Moscovici, 1981, p. 181).

As RS são *“une manière d’interpréter et de penser notre réalité quotidienne, une forme de connaissance sociale”* (Jodelet, 1984, p. 360). As representações são sociais porquanto são comuns e partilhadas por um conjunto de indivíduos e porque são colectivamente produzidas, como resultado da interacção e comunicação de grupos (Vala, 2004).

A teoria de Moscovici (1961/1976) entende as representações como construções sociais a partir das quais se torna possível moldar as nossas percepções e concepções de um objecto. *“What we perceive in the world is a socially constructed reality held within certain cultural and historical boundaries”* (Bradbury, 1999, p. 19).

3.3. A abrangência do conceito

Um dos pontos fortes na teoria das representações sociais de Moscovici é o facto de englobar a cultura e a história na sua formação (e.g., Bradbury, 1999; Farr, 1984). As representações sociais permitem fazer a ligação entre as explicações e conceitos psicológicos e sociológicos, a ponte entre o universo individual e o social (e.g., Jodelet, 1984).

Para Durkheim (1898) as representações designavam, essencialmente, um abrangente campo de formas mentais (espaço, tempo, mitos, religião), bem como um vasto conjunto de opiniões, saberes e conhecimentos não distintos, numa noção muito próxima à de sistema. As representações colectivas seriam formas gerais e estáveis do conhecimento, cuja mudança em termos de conteúdos e estrutura seria lenta, e a sua transmissão estável, afigurando-se como a memória colectiva de uma sociedade (e.g., Farr, 1984; Jodelet, 1984; Moscovici, 1988).

Por serem produto da relação dinâmica do indivíduo com o real, as RS distinguem-se das representações colectivas de Durkheim já as últimas, por serem estáticas e demasiado abrangentes, tornam impossível a articulação do real (Moscovici, 1984). As RS são, então, *“un acte de pensée le quel un sujet se rapporte à un objet”* (Jodelet, 1984, p. 362), e nascem num determinado contexto, a partir de valores, ideologias e sistemas de categorização comuns e partilhados socialmente (Vala, 1986).

De acordo com Moscovici (1973, citado por Bradbury, 1999), representar socialmente algo, mais do que revelar opiniões, imagens ou atitudes, identifica todo um sistema de valores, e conhecimentos que assiste à organização da realidade. É este sistema que permite aos indivíduos controlar a envolvente e comunicar com os outros através deste código que se torna partilhado. Ao representar, estamos a transferir aquilo que é desconhecido, e como tal

potencialmente ameaçador e perturbador, do exterior para o interior, do distante para o próximo (Moscovici, 1981). Fazemo-lo separando ou dividindo conceitos e percepções, que normalmente surgem associados, integrando-os depois nos contextos que escolhemos para que possam ser categorizados e tornados familiares (Moscovici, 1981).

3.4. Representações hegemónicas, emancipadas e polémicas

Moscovici (1988) classificou as representações sociais como hegemónicas (ou colectivas), emancipadas e polémicas. As representações hegemónicas são equivalentes às representações colectivas de Durkheim (1898) já que designam formas de sentido e significado que são largamente partilhadas e capazes de estruturar o grupo. As representações emancipadas referem-se a conjuntos de conhecimentos, saberes ou ideias que podem reflectir a cooperação entre grupos porquanto implicam a troca de diferentes significados entre os mesmos (Moscovici, 1988). Finalmente, as representações polémicas são geradas em contexto de conflito, uma vez que reflectem pontos de vista e posições antagónicas sobre um mesmo objecto social, não sendo partilhadas pela sociedade em geral (e.g., Oliveira, 2008a; Vala, 2004).

3.5. Objectivação e ancoragem

Moscovici (1961/1976) identificou dois processos sócio-cognitivos na origem das representações sociais: a objectivação e a ancoragem. A objectivação reporta-se à forma como os elementos que constituem a representação são organizados e como se materializam, num processo que compreende três momentos: construção selectiva (informações, crenças e ideias acerca do objecto que são seleccionadas e descontextualizadas na tentativa de formar um todo coerente), esquematização (organização das noções básicas de uma dada representação para formar um padrão figurativo) e naturalização (o abstracto torna-se concreto através de imagens ou de metáforas, transformando-se o que antes era percepção em realidade). A objectivação permite transformar o abstracto em algo visível, concreto, com forma (e.g., Castro, 2002; Oliveira, 2008a; Vala, 2004).

A ancoragem, por sua vez, é a integração cognitiva do objecto alvo de representação no interior de um sistema de pensamento já existente, podendo ser interpretada como precedente ou sequente da objectivação. Se a entendermos enquanto precedente, referir-se-á ao facto de o tratamento da informação exigir pontos de referência; ou seja, pensar um objecto não acontece num vazio mental, pelo contrário, implica que se realizem referências a experiências

e esquemas de pensamento que já existem. Se entendermos a ancoragem enquanto sequente, então esta reflectirá a função social das representações, na medida em que estas permitem a ancoragem da acção e a atribuição de significado a acontecimentos, experiências, comportamentos ou pessoas (e.g., Vala, 2004). As representações sociais “desempenham uma dupla função: tornar o estranho familiar e o invisível perceptível. O que é desconhecido ou estranho afigura-se como ameaça porque não temos categorias onde o encaixar” (Farr, 1984, p. 386).

A objectivação e a ancoragem ajudam na familiarização com qualquer objecto, sendo dois processos que agem directamente sobre a memória: a ancoragem mantém a memória activa (porque implica uma busca constante por situações, pessoas, objectos prototípicos) e a objectivação faz a transposição das imagens guardadas em memória para o mundo exterior (Moscovici, 1981).

A nossa existência como seres sociais exige de nós que sejamos capazes de criar, adaptar, utilizar e comunicar representações sociais em diferentes contextos, culturas e ambientes (Oliveira, 2008a).

“We cannot communicate unless we share certain representations, and a representation is shared and enters our social heritage when it becomes an object of interest and communication” (Moscovici e Marková, 2000, p. 274).

A criação, divulgação, transformação das representações sociais passa, em larga medida, pelos *media* (e.g., Farr, 1984; Jodelet, 1984) uma vez que estes são responsáveis pela transmissão não só de formas distintas de senso comum (Moscovici e Hewstone, 1984), como também de conhecimentos ligados à linguagem, ao imaginário e ao simbolismo social (Oliveira, 2008a).

3.6. Representando a morte e a vida

Segundo Bradbury (1999), pensar fenómenos profundamente complexos como a vida, a morte, a doença ou a felicidade só é possível através de representações. De acordo com a autora, o que pode e deve ser falado e pensado sobre a morte, está condicionado pelo contexto cultural, pelo que os discursos acerca da morte reflectem as nossas ideologias e a forma como lidamos com a perda. Ao representarmos a morte, estamos a arranjar diferentes

maneiras de falar (de forma o menos dolorosa possível) do fenómeno. “*Talking about death cannot always be a dry subject*” (Bradbury, 1999, p. 40).

De acordo com Oliveira (2008b), ancorar a morte significa recorrer a estímulos externos como objectos, pessoas ou situações, para lhe servir de referência. Assim se explica que a pensemos ligada a práticas sociais (como por exemplo os velórios), a sentimentos, etc. Objectivá-la requer que se procure na memória por imagens, símbolos capazes de lhe dar forma, corpo ou conteúdo, como a cruz ou a imagem da «ceifeira». Os funerais, as sepulturas e as manifestações de luto em geral, referem-se a processos de objectivação.

A vida, por sua vez, é, em muito, representada pelos adolescentes como bem-estar e felicidade, ancorada na família ou nos amigos e objectivada na amizade ou no amor (e.g., Oliveira, 2004, 2008a).

INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Capítulo 4

APRESENTAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

4.1. Introdução à investigação empírica

Na adolescência as grandes questões de existência, como a vida e a morte, conceitos complexos dos quais não é fácil falar, tendem a ser pensadas e questionadas. Na nossa abordagem teórica também reforçamos a importância dos outros na forma de pensar, sentir e agir dos adolescentes, e o facto de a música ser um veículo privilegiado de integração, socialização e comunicação. Pensamentos, ideias, conceitos, sentimentos, emoções, afectos. Comunicação. Acção. Interação. É disso que falamos quando nos referimos a representações sociais (e.g., Jovchelovitch, 1996; Oliveira, 2008a). Por constituir uma forma de apreender e interpretar o real (Moscovici, 1986), recorreremos à teoria das representações sociais para operacionalizar os pensamentos e as ideias, sentimentos e emoções dos adolescentes sobre a vida e a morte, conscientes de que as percepções que nos revelarem são sempre fruto da sua reflexão e comunicação com os outros e interação com o mundo, nomeadamente a nível familiar e social.

4.2. Objectivos principais

Temos por objectivos principais: 1) apreender e analisar as representações sociais da vida e da morte numa população adolescente; 2) apreender e analisar as suas preferências musicais; 3) verificar de que modo as representações sociais e as preferências musicais encontradas variam em função dos grupos de pertença (sexo e idade); 4) verificar as associações que possam existir entre as dimensões de significação da vida e da morte, e as preferências musicais, bem como destas com a opinião dos outros (pai, mãe, amigos ou namorado, entre outros).

4.3. Hipóteses Gerais

Embora de modo não exaustivo, elaborámos algumas hipóteses gerais³. Assim, admitindo que os rapazes tendem a preferir música mais pesada do que as raparigas (e.g., Scheeel e Westfeld, 1999), é expectável que:

1) Os rapazes revelem maior gosto por *rock* e *metal*, e as raparigas por música mais ligeira, dançável ou romântica (e.g., Barros, 2000; Nunes, 1997).

Assumindo que se registam diferenças entre o sexo masculino e o feminino na expressão de emoções, e que a mulher tem maior facilidade em demonstrar felicidade e amor (e.g., Brien, 2009; Oliveira, 2008a), esperamos que:

2) Nas representações da vida sejam salientadas dimensões associadas ao bem-estar e à felicidade, sobretudo pelas raparigas.

Tendo em conta a possibilidade de as mulheres demonstrarem com maior facilidade emoções perante a morte (e.g., Oliveira, 1995; Oliveira e Amâncio, 1998), e sendo as raparigas vistas como mais expressivas, cuidadosas, empáticas e próximas do outro, enquanto os rapazes são vistos como mais fortes e capazes de resolver sozinhos qualquer situação (e.g., Galambos, 2004), prevemos que:

3) As raparigas salientem nas representações da morte a perda e a tristeza, ancorando-a no seu sentido ritualista e objectivando-a na perda do outro (e.g., Oliveira, 1995; Oliveira e Amâncio, 1998, 1999), e os rapazes a representem sobretudo nas suas causas e questionamento (e.g., Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2004).

Polce-Lynch et al. (2001), num estudo sobre diferenças de género, mostraram que, à medida que os rapazes e as raparigas se desenvolvem, eles tendem a tornar-se mais contidos na expressão de sentimentos e emoções, ao contrário delas. Neste sentido, admitimos que:

4) Sejam as raparigas, em particular entre os 17 e os 19 anos, a salientar dimensões associadas ao afectivo-emocional, quer nas RS vida (alegria, bem-estar ou felicidade), quer nas RS morte (tristeza, dor, sofrimento).

Considerando que os indivíduos podem ser influenciados pela opinião dos outros, adoptando posturas, pontos de vista ou atitudes em função do que é percebido como sendo as

³ Que poderão ser revistas/actualizadas em trabalhos futuros.

posturas, pontos de vista ou atitudes dos outros, tomadas como exactas e relevantes, (e.g., Asch, 1952; Coleman, 1985; Festinger, 1950; Sherif, 1936), e que esta influência é tão mais forte quanto maior for a relevância psicológica dos outros para o indivíduo em causa (Kelly, 1952), prevemos que:

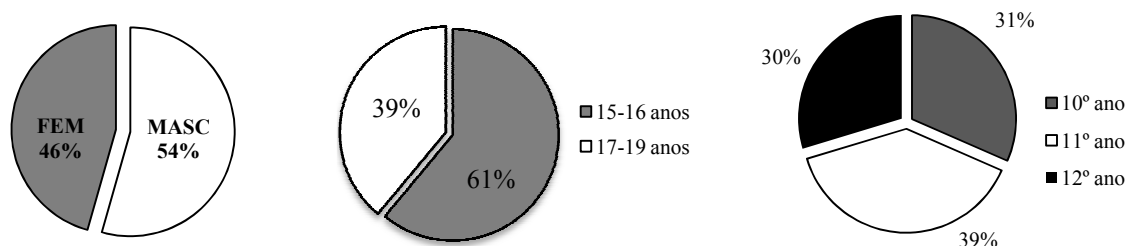
5) Nas preferências musicais os adolescentes revelem a importância dos outros, nomeadamente dos amigos, nas suas escolhas (e.g., Nunes, 1997) e que nas RS da vida e da morte, as opiniões quer da família, quer dos amigos, se mostrem relevantes (e.g., Brown, 2004; Nurmi, 2004; Ryan, 2001).

4.4. Método

4.4.1. Participantes

Participaram nesta pesquisa 262 indivíduos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, estudantes do ensino secundário.

Figura 1 – Distribuição dos participantes por sexo, escalão etário e ano de escolaridade



Na nossa amostra, os rapazes encontravam-se em maior número do que as raparigas. Assim, 54% dos participantes eram do sexo masculino (N=142) e 46% dos participantes eram do sexo feminino (N=119). Relativamente à idade, 23,3% dos indivíduos tinham 15 anos (N=61), 37,4% dos jovens tinham 16 anos (N=98), 30,2% tinham 17 anos (N=79), 3,4% tinham 18 anos (N= 9) e finalmente, 5,4% tinham 19 (N=14). No que concerne ao ano de

escolaridade, 31% dos participantes eram alunos do 10º ano (N=82), 39% eram alunos do 11º ano (N=101), e 30% do 12º ano (N=77).

4.4.2. Variáveis

As variáveis independentes consideradas são o sexo - feminino e masculino - e a idade - os adolescentes foram divididos em dois escalões etários: participantes dos 15 aos 16 anos e participantes dos 17 aos 19 anos -. Considerámos como variáveis dependentes as dimensões de representação encontradas para a morte, a vida, as preferências musicais e as opiniões dos outros.

4.4.3. Procedimento prévio

Primeiramente procedemos à actualização da lista de preferências musicais utilizada por Oliveira (2004, 2008a). Para o efeito, foi desenvolvido um pequeno questionário englobando a questão: “Quais são os músicos, artistas, grupos, bandas, cantores(as) ou compositores(as) de que mais gosta?”. Este foi aplicado a 42 adolescentes, 17 rapazes e 25 raparigas, entre os 14 e os 18 anos, estudantes do ensino secundário, seleccionados de forma aleatória nos intervalos das aulas.

Enquanto alguns nomes da lista de partida se mantiveram⁴ (por exemplo, *Metallica*, *Nirvana*, *Pearl Jam*, *Offspring* ou *Beethoven*), outros novos surgiram: *Led Zeppelin*, *Ben Harper*, *System of a Down*, *Red Hot Chilli Peppers*, *Tokio Hotel*, *Rhianna*, *Amy Winehouse*, *Artic Monkeys*, *Jonas Brothers*, *Bob Sinclair* e *Bob Marley*. Para seleccionarmos os itens, tivemos em conta as preferências de um número significativo de participantes⁵. Foram ainda retirados da lista anterior alguns itens que em estudos anteriores (Oliveira, 2004, 2008a), revelaram médias de preferências bastante baixas. Compilámos, assim, uma lista de 36 itens posteriormente incluída no instrumento de medida.

4.4.4. Instrumento de medida

O instrumento de medida utilizado foi constituído por sete grupos de questões fechadas, acompanhados por escalas de 1 (por exemplo, não gosto nada ou absolutamente nada) a 5 (muitíssimo). Do primeiro grupo constava uma lista com 36 bandas/compositores, relativa às

⁴ Os dados foram analisados utilizando o Package SPAD-T.

⁵ Cerca de 20%.

preferências musicais, tal como descrita atrás. No segundo grupo, questionámos os participantes quanto à influência de alguns (14) referentes nas suas preferências musicais (por exemplo, amigos, pai, namorado, figura pública, etc), pedindo que indicassem em que medida as opiniões, gostos ou preferências de cada um desses referentes era importante para o participante. O terceiro grupo de questões remetia para as representações sociais da vida, sendo perguntado em que medida a vida os fazia pensar, sentir ou imaginar cada um dos 27 itens apresentados (por exemplo, activo, alegria, família, problemas, morte, etc)⁶. Seguiu-se, à semelhança do que foi feito para as preferências musicais, um grupo de questões relativas à influência dos outros nas RS da vida. Processo idêntico foi utilizado para as RS da morte, sendo que foram apresentados 37 itens (como por exemplo, doença, tristeza, sofrimento, vazio, perda, etc). O sétimo grupo de questões dizia, novamente, respeito à influência dos outros, desta feita nas RS da morte. Finalmente, na última parte do questionário eram requeridos alguns dados sócio-demográficos. Foi igualmente reservado um espaço para comentários adicionais.

4.4.5. Procedimento

Num pré-teste, este questionário foi aplicado a uma pequena população de características semelhantes à do estudo desenvolvido, tendo-se verificado que os sujeitos não revelaram qualquer dificuldade em entender ou responder às várias questões. Após a validação do instrumento, os dados para o estudo foram recolhidos em contexto de aula, colectivamente, tendo cada participante respondido, por escrito, num protocolo individual. Na folha de rosto do questionário, foi referido que seriam abordadas algumas questões de interesse social, em particular entre os jovens. Foi garantido o anonimato e a confidencialidade das respostas e referida a importância da participação de cada adolescente. Os investigadores disponibilizaram-se para voltar à escola caso uma acção posterior o justificasse. Os dados foram recolhidos durante o mês de Novembro de 2008 numa Escola Secundária de Lisboa.

⁶ Os itens seleccionados para as listas que remetem quer para as RS da vida quer para as RS da morte resultam do trabalho de Oliveira (2004, 2008a). Neste, foi pedido aos participantes que expressassem os seus pensamentos, ideias, imagens e símbolos acerca da vida e da morte, num máximo de 10 palavras ou pequenas frases. Os dados foram depois reduzidos, com base no critério de raiz etimológica de cada palavra, sendo os adjectivos e substantivos colocados no masculino e singular e os verbos no modo infinitivo, tendo sido retiradas as mais frequentes.

4.5. Tratamento dos dados

Para o tratamento dos dados, recorremos a estatística descritiva, análises de componentes principais (ACP), análises de variância (ANOVA) e análises correlacionais.

4.6. Resultados

Nota Prévia: Os Quadros descritivos de todas as variáveis aqui consideradas encontram-se em **Anexo**. De igual modo, as estruturas factoriais que aqui se apresentam são já as soluções optimizadas, estando disponíveis em **Anexo** as soluções iniciais. Os critérios de inclusão ou retirada dos itens nas ACP foram os valores do KMO (nível de multicolinearidade – correlação das variáveis entre si), da variância explicada e da consistência interna (Alfa de Cronbach).

Preferências musicais

Entre as preferências musicais mais relevantes (cf. Quadro 1) encontramos *Red Hot Chili Peppers* (RHCP) (de quem cerca de 73% dos participantes gosta muito ou muitíssimo; M=3,95), *Bob Marley* (62%; M=3,51), *Xutos e Pontapés* (57%; M=3,53), *Queen* (50%; M=3,35) e *Nirvana* (47, %; M=3,26).

No sentido de perceber como estes itens se relacionavam entre si e de identificar que dimensões (factores) comuns emergiam, foram realizadas Análises de Componentes Principais (ACP) para as diferentes variáveis. Após uma solução inicial com todos os itens, a solução optimizada para as preferências musicais apresenta 8 dimensões.

Quadro 2 - Estrutura factorial das dimensões significantes das Preferências Musicais

Itens	F1 Rock/ grunge	F2 Rock-norte- americano	F3 Indie/ electro/ metal- inglês	F4 Hip- hop/ new- metal	F5 Reggae/ pop	F6 Rock- clássico	F7 Emotional- rock	F8 Pop- feminino
Nirvana	.721	.398	.078	-.002	.044	.129	-.006	-.228
Offspring	.701	.135	.161	.157	.256	-.014	.013	-.131
Red Hot Chili Peppers	.663	.079	.084	.321	.157	.200	-.051	.156
Pearl Jam	.628	.491	.046	.022	.230	.093	.003	.073
Incubus	.618	.166	.421	-.102	.024	-.001	.067	.172
Guns n' roses	.616	.305	.152	-.027	.052	.290	-.185	-.119
Metallica	.548	.348	.059	.089	-.052	.103	-.003	-.507
Xutos e Pontapés	.464	.304	-.322	.128	.198	.224	.137	.190
The Doors	.170	.763	.137	.105	.082	.168	.109	.090
REM	.219	.663	.058	.069	.023	.192	.107	.132
Led Zeppelin	.351	.613	.255	-.062	-.105	.242	-.119	-.078
System of a Down	.190	.584	.316	.235	.005	-.195	-.058	-.205
Smashing Pumpkins	.393	.562	.361	.046	-.070	.103	-.062	.050
Prodigy	.205	.487	.438	.216	.255	.205	-.012	-.107
Marilyn Manson	.200	.433	.268	.157	-.042	.032	.100	-.394
Cradle of Filth	.120	.196	.730	-.014	-.006	.121	.076	-.030
Lamb	.111	.338	.694	.083	.002	.041	.196	.037
Arctic Monkeys	.407	.150	.509	.138	-.075	.121	-.338	.226
Eminem	-.026	.189	.091	.775	.072	.065	.023	-.160
Da Weasel	.141	.043	-.028	.674	.144	-.073	-.103	.350
Linkin Park	.286	.033	.038	.608	.033	.160	.334	-.264
Bob Marley	.163	.052	-.052	.081	.862	.079	-.117	-.020
Ben Harper	.194	.026	.065	-.028	.756	.184	.092	.244
Bob Sinclair	.040	-.055	-.033	.391	.651	-.050	.234	.213
Queen	.247	.228	-.048	-.053	.109	.677	-.034	.027
Coldplay	.238	.062	.211	.135	.041	.636	.204	.216
Beethoven	-.140	.101	.331	.022	.143	.624	-.250	-.127
U2	.411	.256	-.137	.153	.008	.536	.138	.311
Jonas Brothers	.039	.041	-.048	.004	.158	-.040	.706	.179
Tokio Hotel	-.084	-.050	.153	-.044	-.137	.027	.634	-.155
Rhianna	-.215	.102	-.068	.399	.080	-.123	.561	.250
Green Day	.216	.173	.164	.385	.058	.196	.464	-.064
Amy Winehouse	.047	.006	.053	.001	.146	.106	.018	.733
Alanis Morissette	-.074	.276	.099	.020	.282	.195	.315	.496
Variância explicada	12.82	10.90	7.25	6.70	6.60	6.41	6.26	6.24
Percentagem acumulada	12.85	23.75	31.00	37.70	44.30	50.70	56.97	63.21
Alfa de Cronbach (α)	.85	.83	.64	.61	.74	.64	.56	.59

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização Kaiser, convergente em 11 iterações. KMO=.853; teste de Bartlett= 3131.375, significância= .000

Dada a grande dificuldade em classificar estilos musicais e em estabelecer, com rigor, a fronteira entre um estilo e outro, optámos por não definir quaisquer estilos musicais *a priori*. Partimos, ao invés, das escolhas e respostas dos adolescentes e, *a posteriori*, e em função das estruturas factoriais (cf. Quadro 2), denominámos as dimensões de acordo com os autores e estilos musicais mais relevantes em cada uma. Assim, o primeiro factor reúne bandas e/ou

compositores associados a sonoridades mais «pesadas⁷» como sejam o *rock* (por exemplo, *Xutos e Pontapés* e *RHCP*), o *grunge* (por exemplo, *Nirvana* e *Pearl Jam*) e até o *metal* (por exemplo, *Metallica*). O segundo factor agrega bandas norte-americanas (excepção feita a *The Prodigy*) associadas ao *rock* de diversas gerações ou décadas (*The Doors* e *Led Zeppelin* essencialmente aos anos 60/70; *REM* década de 80; *Smashing Pumpkins*, *The Prodigy* e *Marilyn Manson* início dos anos 90 e *System of a Down* a surgir na segunda metade da década de 90). No terceiro factor encontramos três bandas que, embora de estilos musicais distintos (sendo *Arctic Monkeys*, *indie*, *Lamb*, *electrónico* e *Cradle of Filth*, *metal*), têm em comum o facto de serem todas originárias de Inglaterra. Já o quarto factor é composto por bandas características quer do género *hip-hop* (*Eminem* e *Da Weasel*), quer do *new-metal* (*Linkin Park*). No quinto factor surgem bandas associadas ao *pop/reggae*. O sexto factor reúne bandas/compositores consagrados, que também atravessam várias gerações, casos de *Queen*, *U2* e *Beethoven*. O sétimo remete para bandas mais recentes, mais voltadas para um público jovem, agrupáveis sob a designação *emotional*⁸. Por último, o oitavo factor⁹ agrega duas representantes femininas do *pop* (*Alanis Morissette* e *Amy Winehouse*).

A opinião dos outros

A opinião e os gostos musicais dos outros importam nas preferências musicais dos participantes (cf. Quadro 3). Assim, é atribuída bastante ou muita importância, em especial, à opinião do melhor amigo (por 64,1% dos jovens; M=3,64) do namorado(a) (55,7%; M=3,44) e dos amigos (51,2%; M= 3,36).

⁷ A música considerada «pesada» é normalmente caracterizada por ritmos rápidos, guitarras amplificadas, por vezes distorcidas, solos de bateria, som agressivo e marcada masculinidade (e.g., Arnett, 1991; Schwartz, 2003; Shuker, 1998), mas no nosso caso, consideramos ainda, como tão ou mais importante, o conteúdo que é transmitido, por exemplo, em termos de mensagem (e.g., Borralho, 2002; Oliveira, 2004, 2008a).

⁸ Designação que deriva do facto de apelarem às emoções.

⁹ R de pearson (“Amy Winehouse”, “Alanis Morissette”) = .42 (p <0,01)

Quadro 4 - Estrutura factorial das dimensões significantes da opinião dos outros nas preferências musicais

Itens	F1	F2	F3
	Grupo de pares	Família	Conhecidos
Melhor amigo(a)	,785	,291	,291
Namorado(a)	,782	,278	,142
Amigos(as)	,767	,146	,293
Outra pessoa de quem gosto muito	,766	,381	,188
Pai	,158	,867	,166
Mãe	,249	,847	,109
Outro familiar	,325	,688	,208
Figura pública	,152	,149	,809
Jornalista/crítico de música	,058	,312	,748
Conhecidos(as)	,405	,101	,664
Músico de referência	,356	,078	,651
Variância explicada	25.80	22.47	20.50
Percentagem acumulada	25.80	48.27	68.78
Alfa de Cronbach (α)	.87	.84	.77

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização Kaiser, convergente em 6 iterações. KMO= .876; teste de Bartlett= 1423.475; significância= .000

A ACP realizada (cf. Quadro 4) permitiu-nos obter três dimensões para a influência dos outros nas preferências musicais. Enquanto no primeiro factor surgem as pessoas mais próximas dos adolescentes (companheiros, grupo de pares), no segundo encontramos os membros da família e no terceiro agrupam-se as pessoas de um universo afectivamente mais afastado.

RS da vida

Para a maioria dos participantes (em valores que rondam os 90%), a vida ancora, sobretudo, nos amigos (M=4,42) e é, também, muito associada a diversão (M=4,29) e ao amor (M=4,34). Entre as representações que podemos considerar como hegemónicas (Moscovici, 1988), encontramos ainda a vida como sinónimo de felicidade (86%; M=4,31), vontade de viver (86%; M=4,33) e família (81%; M=4,21). Em suma, a vida é essencialmente representada pelo bem-estar, salientando-se as dimensões ligadas ao lúdico, ao afectivo-emocional e ao relacional (cf. Quadro 5).

Quadro 6 - Estrutura factorial das dimensões significantes da vida

Itens	F1	F2	F3	F4	F5
	Bem-estar	Vontade de viver	Realização Pessoal	Relacionamento com o outro	Mal-estar
Contente	.779	,291	.120	.038	-.091
Diversão	.752	,200	-.002	.194	.023
Felicidade	.720	,226	.126	.171	-.041
Bem-estar	.694	,055	.202	.330	-.079
Alegria	.689	,321	.057	.288	.033
Liberdade	.672	,086	.302	.235	.055
Convívio	.669	,045	.189	.381	-.011
Bem	.663	,069	.197	.311	-.087
Força	.656	,158	.214	.156	.009
Activo	.625	,180	.273	.124	.045
Esperança	.590	,349	.262	.043	.043
Futuro	.585	,196	.340	.060	.155
Vivo(a)	.221	,784	.224	.240	-.011
Vontade de viver	.276	,775	.159	.101	-.127
Viver	.306	,736	.191	.327	-.042
Pessoas	.243	,500	.387	-.004	.244
Saúde	.147	,074	.739	.197	-.052
Trabalho	.138	,156	.680	.106	.283
Sol	.306	,187	.660	-.016	-.032
Natureza	.232	,388	.536	-.093	.109
Família	.323	,197	.517	.334	-.110
Amizade	.424	,211	.110	.736	.063
Amor	.393	,107	.043	.695	.115
Amigos	.392	,280	.171	.681	-.001
Tristeza	-.100	-.054	.031	.114	.821
Morte	.076	,036	-.018	-.097	.794
Problemas	-.017	-.022	.115	.066	.783
Variância explicada	24.34	10.80	10.60	9.12	8.06
Percentagem acumulada	24.34	35.13	45.73	54.85	62.92
Alfa de Cronbach (α)	.92	.84	.77	.82	.75

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização Kaiser, convergente em 7 iterações. KMO= .921; teste de Bartlett= 3766.991; significância= .000

A ACP realizada permitiu-nos determinar cinco factores (cf. Quadro 6)¹⁰. No primeiro factor encontramos sentimentos ou pensamentos de bem-estar que remetem para uma visão muito positiva da vida. O segundo factor reúne indicadores relativos ao gosto pela vida e por viver. O terceiro factor agrupa bens como saúde, trabalho e família que remetem para uma ideia de realização pessoal a nível individual, profissional e familiar. O quarto factor respeita a sentimentos de amizade e amor em relação ao outro. Finalmente, o quinto factor remete para o «outro lado» da vida, para o mal-estar que esta pode proporcionar, o que revela, portanto, que os jovens têm consciência de que a vida vai para além da sua vertente hedonista.

¹⁰ Esta é a solução inicial, na qual foram mantidos todos os itens.

A opinião dos outros

Para estes jovens, as opiniões, pensamentos e ideias dos outros parecem ser importantes quando se trata de pensar a vida (cf. Quadro 7). De facto, entre 70% e 80% dos participantes valoriza muito ou muitíssimo as opiniões ou sentimentos do melhor amigo (M=4,16), da mãe (M=4,12), do namorado (M=3,96) e dos amigos (M=3,89). Em sentido contrário, perto de 70% considera as opiniões das figuras públicas (M=1,97) como sendo muito pouco importantes.

Quadro 8 - Estrutura factorial das dimensões significantes da influência das opiniões dos outros nas RS da vida

Itens	F1	F2
	Familiares/ amigos	Conhecidos
Mãe	.859	.111
Melhor amigo(a)	.848	.135
Namorado(a)	.772	.092
Pai	.755	.134
Irmã(o)	.747	.227
Amigos(as)	.747	.282
Outro familiar	.681	.254
Jornalista/crítico de música	.041	.858
Figura pública	.132	.805
Músico de referência	.084	.764
Conhecidos(as)	.267	.725
Professor(a)	.253	.675
Colega(s) de escola	.426	.602
Variância explicada	34.97	27.42
Percentagem acumulada	34.97	65.39
Alfa de Cronbach (α)	.90	.85

Nota. Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização kaiser, convergente em 3 iterações. KMO= .868; teste de Bartlett= 1706.308; significância= .000

Conforme observamos no Quadro 8, o primeiro factor agrega os referentes mais próximos dos jovens, enquanto o segundo factor diz respeito a pessoas mais distantes ou com menor proximidade emocional.

RS da morte

Se a vida é, maioritariamente, associada a amigos e alegria, a morte, por sua vez, é representada, sobretudo, como saudade (para cerca de 73%; M=4,02), perda (68%; M=3,81), sofrimento (67,9%; M=3,83), tristeza (64,5%; M=3,68) e família (61,9%; M=3,69).

Por outro lado, a morte tem uma ancoragem menos forte a suicídio (58%; M=2,30), como se os jovens pensassem ser pouco provável alguém da sua idade morrer por suicídio (cf. Quadro 9). O afectivo-emocional, marcado por sentimentos e pensamentos de mal-estar, o ritualismo a e a relação com a família são as dimensões representacionais mais salientes.

Para as RS morte, obtivemos quatro factores (cf. Quadro 10):

Quadro 10 - Estrutura factorial das dimensões significantes das RS da morte

Itens	F1	F2	F3	F4
	Mal-estar	Ritualismo/ Causas de morte	Vivência próxima da morte	Questionamento / Transcendência
Tristeza	.830	.135	.146	.002
Sufrimento	.819	.116	.206	-.009
Lágrimas	.802	.199	.207	-.002
Solidão	.787	.162	.036	.183
Vazio	.748	.131	-.045	.233
Infelicidade	.745	.315	.158	-.018
Dor	.731	.278	.230	-.027
Medo	.725	.271	.185	.193
Revolta	.708	.152	.214	.202
Desespero	.653	.293	.220	.050
Choro	.648	.322	.321	.004
Mal	.621	.411	-.183	.228
Fim	.620	.341	.066	.068
Saudade	.617	-.026	.398	.034
Pena	.586	.314	.237	.221
Angústia	.582	.423	.181	-.060
Caixão	.185	.870	-.003	.212
Cemitério	.238	.847	.064	.179
Funeral	.358	.748	-.046	.148
Acidente	.265	.665	.290	.024
Cruz	.121	.594	.030	.464
Doença	.371	.521	.254	.063
Preto	.383	.404	.075	.394
Família	.371	.070	.787	.074
Familiar próximo	.401	.063	.760	.092
Vida	.054	.108	.608	.317
Pensativo(a)	.338	.118	.501	.280
Deus	.119	.093	.182	.723
Vida para além da morte	.033	.096	.042	.667
Curiosidade	-.036	.156	.195	.560
Suicídio	.304	.360	-.338	.366
<hr/>				
Variância explicada	29.32	14.87	9.26	7.61
Percentagem acumulada	29.32	44.19	53.45	61.07
Alfa de Cronbach (α)	.95	.85	.79	.58

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização Kaiser, convergente em 6 iterações. KMO= .931; teste de Bartlett= 5451.262; significância= .000

O primeiro factor remete, claramente, para os sentimentos e pensamentos relacionados com a dor, o sofrimento, a perda lembrando a irreversibilidade da morte. O segundo factor reúne causas de morte (doença, acidente) e salienta, ainda, uma dimensão ritualista da morte. O terceiro factor diz respeito à vivência de proximidade da morte, ancorada no seio familiar dos jovens. Por último, o quarto factor remete para uma dimensão de questionamento, fazendo pensar no que existe para além da morte, na existência de Deus, despertando, como tal, curiosidade. É neste factor que, com fraca contribuição, emerge o suicídio, figurando como um acontecimento pouco provável.

A opinião dos outros

Também o pensar e o sentir da morte são influenciados pelas ideias, sentimentos, e pensamentos dos outros (cf. Quadro 11). De facto, a maioria dos participantes (entre 60% e 70%) revela que considera bastante ou muitíssimo importantes as opiniões, pensamentos e sentimentos da mãe (M=3,85), do pai (M=3,69), do melhor amigo (M=3,67) e do namorado(a) (M=3,63).

Como podemos constatar no Quadro 12, a ACP extraiu duas dimensões.

Quadro 12 - Estrutura factorial das dimensões significantes da influência da opinião dos outros nas RS da morte

Itens	F1	F2
	Familiares/amigos	Conhecidos
Melhor amigo(a)	.911	.157
Mãe	.910	.131
Outra pessoa de quem gosto muito	.893	.161
Pai	.852	.146
Namorado(a)	.839	.134
Irmã(o)	.823	.298
Amigos (as)	.813	.306
Outro familiar	.810	.233
Jornalista/crítico de música	.068	.907
Figura pública	.098	.890
Músico de referência	.150	.876
Conhecidos(as)	.371	.682
Professor(a)	.421	.613
Variância explicada	47.94	75.38
Percentagem acumulada	47.94	75.38
Alfa de Cronbach (α)	.95	.87

Nota: Resultado da ACP: matriz após rotação Varimax, com normalização kaiser, convergente em 3 iterações. KMO= .911; teste de Bartlett= 2616.661; significância .000

Enquanto no primeiro factor encontramos novamente reunidos todos os referentes mais directos dos jovens, no segundo factor estão presentes indivíduos que podemos classificar como conhecidos.

Análises de Variância

Com o objectivo de verificar o efeito das VI (sexo e idade) sobre as dimensões encontradas, foram realizadas Análises de Variância (ANOVA) que identificaram vários efeitos significativos.

Preferências musicais

Quadro 13 - Resultados das análises de variância sobre as dimensões das preferências musicais

Preferências musicais					15-16 anos		17-19 anos	
	Masc.	Fem.	15-16 anos	17-19 anos	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Rock /grunge	3,36	3,08	3,31	3,13	3,51	3,12	3,22	3,04
Rock-norte-americano	32,67	2,49	2,63	2,48	2,86	2,40	2,39	2,57
Indie/electro/metal- inglês	2,20	2,28	2,32	2,17	2,35	2,29	2,06	2,28
Hip-hop/new-metal	3,26	2,99	3,04	3,21	3,17	2,91	3,35	3,07
Reggae/pop	3,22	3,44	3,33	3,32	3,22	3,44	3,21	3,43
Rock-clássico	3,03	3,03	3,10	2,96	3,18	3,03	2,89	3,03
Emotional-rock	2,11	2,41	2,33	2,20	2,26	2,39	1,96	2,43
Pop-feminino	2,42	3,15	2,82	2,75	2,45	3,19	3,19	3,10

Análises de Variância

Dimensões	Sexo	Idade	Sexo x Idade
Rock/grunge	$F(1,241) = 5,71^*$	$F(1,241) = 2,40$	$F(1,241) = 0,87$
Rock-norte-americano	$F(1,225) = 1,26$	$F(1,225) = 1,57$	$F(1,225) = 7,04^{**}$
Indie/electro/metal-inglês	$F(1,221) = 0,43$	$F(1,221) = 1,52$	$F(1,221) = 1,47$
Hip-hop/new-metal	$F(1,253) = 5,32^*$	$F(1,253) = 5,32$	$F(1,253) = 2,04$
Reggae/pop	$F(1,250) = 3,02$	$F(1,250) = 0,008$	$F(1,250) = 0,003$
Rock-clássico	$F(1,249) = 0,005$	$F(1,249) = 1,86$	$F(1,249) = 1,88$
Emotional-rock	$F(1,248) = 11,39^{**}$	$F(1,248) = 2,24$	$F(1,248) = 3,62$
Pop-feminino	$F(1,245) = 31,64^{***}$	$F(1,245) = 0,34$	$F(1,245) = 0,02$

Nota: * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Sexo

Encontramos um efeito do sexo sobre as preferências musicais. Assim, são os rapazes (cf. Quadro 13) que revelam maior preferência por música *grunge* ou *metal*, bem como por *hip-hop*, enquanto as raparigas demonstram maior interesse pela música *emotional* e, igualmente, pelo *pop-feminino*.

Sexo x idade

São os rapazes entre os 15 e os 16 anos (cf. Quadro 13), que mais apreciam o *rock*. Enquanto nas raparigas o gosto pelo *rock* parece aumentar com a idade, nos rapazes assiste-se ao processo inverso.

Embora o efeito não seja estatisticamente significativo ($p = .06$), é de registar uma tendência de efeito de interacção do sexo e da idade relativamente à preferência pelo *emotional-rock* (cf. Quadro 13). São as raparigas na faixa etária dos 17 aos 19 que mais ouvem *emotional-rock*, tendência que parece aumentar à medida que vão ficando mais velhas. Nos rapazes, nota-se o contrário, sendo que se regista uma média bastante baixa sobretudo na faixa 17-19 anos.

RS da vida

Quadro 14 - Resultados das análises de variância sobre as dimensões das RS da Vida

RS vida			15-16 anos		17-19 anos			
	Masc.	Fem.	15-16 anos	17-19 anos	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Bem-estar	4,06	4,16	4,18	4,05	4,06	4,3	4,07	4,02
Vontade de viver	4,00	4,17	4,18	3,98	4,09	4,28	3,91	4,06
Realização pessoal	3,51	3,66	3,76	3,42	3,62	3,90	3,41	3,43
Relacionamento com o outro	4,31	4,55	4,43	4,43	4,28	4,58	4,35	4,52
Mal-estar	2,79	3,09	2,87	3,02	2,72	3,02	2,87	3,17

Análises de Variância

Dimensões	Sexo	Idade	Sexo x Idade
Bem-estar	$F(1,250) = 1,54$	$F(1,250) = 2,83$	$F(1,250) = 3,40$
Vontade de viver	$F(1,250) = 3,18$	$F(1,253) = 4,34^*$	$F(1,253) = 0,04$
Realização pessoal	$F(1,251) = 2,34$	$F(1,251) = 11,48^{**}$	$F(1,251) = 1,73$
Relacionamento com o outro	$F(1,254) = 8,64^*$	$F(1,254) = 0,00$	$F(1,254) = 0,71$
Mal-estar	$F(1,253) = 5,81^*$	$F(1,253) = 1,43$	$F(1,253) = 0,00$

Nota: * $p < .05$ ** $p < .001$ *** $p < 0.001$.

Sexo

Para as raparigas, mais do que para os rapazes, a vida ancora quer no relacionamento com o outro e, portanto, no amor, na amizade, quer no mal-estar, associada a morte, tristeza e problemas (cf. Quadro 14).

Idade

É para os jovens entre os 15 e os 16 anos que a vida é mais fortemente associada à vontade de viver, representada, também, como realização pessoal, remetendo para bens essenciais como o trabalho, a família ou a saúde (cf. Quadro 14).

O Quadro 14 revela, igualmente, que o bem-estar, a vontade de viver e a realização pessoal tendem a diminuir com a idade. A importância dos outros parece manter-se à medida que os adolescentes vão ficando mais velhos, registando-se ainda um aumento do mal-estar.

Não havendo um efeito estatisticamente significativo ($p=.06$), observamos, ainda assim, uma tendência na interação do sexo e da idade em relação à representação da vida como bem-estar, sendo as raparigas, sobretudo entre os 15 e os 16 anos que mais associam a vida ao bem-estar, representação que parece decrescer à medida que avançam na idade (cf. Quadro 14).

RS da morte

Quadro 15 - Resultados das análises de variância sobre as RS Morte

RS morte			15-16 anos		17-19 anos			
	Masc.	Fem.	15-16 anos	17-19 anos	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Mal-estar	3,11	3,79	3,40	3,50	3,22	3,59	3,00	4,00
Ritualismo/causas de morte	2,69	3,08	2,88	2,88	2,71	3,04	2,66	3,11
Vivência próxima da morte	3,34	3,76	3,47	3,68	3,28	3,65	3,40	3,86
Questionamento/Transcendência	2,91	3,03	2,96	2,98	2,82	3,01	3,11	2,95

Análises de Variância

Dimensões	Sexo	Idade	Sexo x Idade
Mal-estar	$F(1,243) = 28,98^{***}$	$F(1,243) = 0,61$	$F(1,243) = 6,03^*$
Ritualismo/Causas Morte	$F(1,249) = 8,38^{**}$	$F(1,249) = 0,00$	$F(1,249) = 0,16$
Vivência próxima da Morte	$F(1,249) = 9,54^{**}$	$F(1,249) = 1,57$	$F(1,249) = 0,13$
Transcendência/Questionamento	$F(1,251) = 0,67$	$F(1,251) = 0,01$	$F(1,251) = 12,67$

Nota: * $p < .05$ ** $p < .001$ *** $p < 0.001$

Sexo

As raparigas, mais do que os rapazes, representam a morte sobretudo como mal-estar, associando-a a sentimentos de tristeza, sofrimento, dor (cf. Quadro 15), objectivando-a na sua vertente ritualista e percebendo-a como a perda ou afastamento das pessoas que lhes são importantes.

Sexo x idade

É para as raparigas entre os 17 e os 19 anos que a morte mais ancora em sentimentos de mal-estar, o que parece aumentar com a idade, tendência contrária à verificada nos rapazes (cf. Quadro 15).

Análises Correlacionais

Com o objectivo de identificarmos as associações mais relevantes entre as diferentes dimensões de representação, foram realizadas algumas análises correlacionais.

Quadro 16 - Correlações entre as preferências musicais e a influência dos outros

	Rock/ grunge	Rock- norte- americano	Indie/electro/ metal- inglês	Hip-hop/ new metal	Reggae/ pop	Rock- clássico	Emotio- nal- rock	Pop- feminino
Rock/grunge	-	.673***	.454***	.294***	.204**	.474***	.089	.089
Rock-norte- americano	.673***	-	.624***	.301***	.107	.471**	.178***	.138*
Indie/electro/metal- inglês	.454***	.624**	-	.184**	.035	.322***	.088	.144*
Hip-hop/new metal	.294***	.301***	.184**	-	.312***	.200**	.386***	.106
Reggae/pop	.204**	.107	.035	.312***	-	.206**	.236***	.354***
Rock-clássico	.474***	.471***	.322***	.200**	.206**	-	.149*	.290***
Emotional-rock	.089	.178**	.088	.386***	.236***	.149*	-	.251***
Pop-feminino	.089	.138*	.144*	.106	.354***	.290***	.251***	-
Companheiros	.011	.038	.050	.112	.022	.015	.246***	.066
Familiares	.029	.020	.023	.057	.031	.098	.080	.113
Conhecidos	.104	.186**	.040	.139*	-.033	.139*	.106	.000

Nota: *p<.05 **p<.001 ***p<0.001

Como se pode verificar relativamente às preferências musicais (cf. Quadro 16), os jovens que apreciam *rock/grunge* tendem a gostar igualmente de *rock-norte-americano*, de *rock-clássico* e de *indie/electro/metal-inglês*. Quem gosta muito de *rock-norte-americano* também gosta muito das bandas inglesas referidas. É de realçar que os adolescentes que preferem as sonoridades mais associadas ao *rock-norte-americano*, tendem a gostar pouco de *emotional-rock* e de *pop-feminino*. Para quem gosta de *hip-hop*, o *emotional-rock* parece ser,

igualmente, uma boa escolha. Os adolescentes que ouvem *reggae*, gostam igualmente de *pop-feminino* e *new-metal*.

Para os indivíduos que apreciam *emotional-rock*, a opinião dos companheiros é relevante, assim como é a opinião e preferências de conhecidos para quem aprecia *rock/grunge*, *indie/metal/electro inglês* e *rock-clássico*. De salientar que a importância da opinião da família não parece variar de acordo com o estilo musical, podendo ser entendida como mais constante ou transversal.

Quadro 17 - Correlações entre as preferências musicais e as RS da vida e da morte

Vida / Morte	Rock/grunge	Rock-norte-americano	Indie/electro/metal-inglês	Hip-hop/new-metal	Reggae/pop	Rock-clássico	Emotional-rock	Pop-feminino
Bem-estar	-.085	-.095	-.026	-.092	.109	-.085	.071	.023
Vontade de viver	-.017	-.004	-.065	-.028	-.031	.043	.113	.118
Realização Pessoal	.004	-.032	.019	.032	.176**	.061	.127*	.198**
Relacionamento com o outro	-.051	-.081	-.028	-.116	.070	-.094	.103	.059
Mal-estar	-.026	.028	.108	.078	-.021	-.023	.126*	.012
Mal-estar	-.148*	-.121	-.005	-.077	.120	-.015	.054	.176**
Ritualismo/Causas de Morte	-.151*	-.125	-.001	.029	.211**	-.025	.127	.212**
Vivência próxima da Morte	-.063	-.100	.007	.025	.067	.061	.043	.045
Questionamento/Transcendência	-.034	-.032	.065	.095	.091	.144*	.062	.098

Nota: *p<.05 **p<.001 ***p<0.001

Ao relacionarmos as preferências musicais com aquilo que estes jovens pensam e sentem sobre a vida e a morte, percebemos que, para os adolescentes que mais preferem música *reggae*, *emotional-rock* e *pop-feminino*, a vida é representada, sobretudo, como realização pessoal; enquanto para os indivíduos que apreciam *emotional-rock*, a vida é entendida como mal-estar.

Relativamente às RS morte, quanto mais apreciam *rock/grunge*, menor a tendência dos jovens em representar a morte como mal-estar ou objectivá-la ritualisticamente. Em sentido contrário, são os jovens que mais ouvem *pop-feminino* que mais representam a morte como mal-estar (tristeza, saudade, sofrimento) e a entendem no seu sentido ritualista, o que também acontece com quem gosta de música *reggae*. É para os jovens que mais apreciam *rock-clássico* que a morte sugere questionamento/transcendência.

Quando cruzamos as representações da vida e da morte com as opiniões, pensamentos e sentimentos dos outros, os resultados mostram associações bastante fortes (cf. Quadro 18).

Relativamente à vida, é de referir que apenas a dimensão mal-estar não parece ser influenciada pelos outros. As representações da vida como bem-estar, vontade de viver e, sobretudo, como realização pessoal e relacionamento com o outro são significativamente marcadas pela opinião dos familiares e amigos, embora seja de realçar, igualmente, o contributo que os conhecidos desempenham.

Quadro 18 - Correlações entre a influência dos outros e as RS da vida e da morte

	Familiares/ Amigos	Conhecidos
Bem-estar	.345***	.124*
Vontade de viver	.338***	.133*
Realização Pessoal	.392***	.276***
Relacionamento com o outro	.369***	.041
Mal-estar	.028	.011
Mal-estar	.393***	.300***
Ritualismo/Causas de Morte	.226**	.407***
Vivência próxima da Morte	.506**	.264***
Questionamento/Transcendência	.297***	.303***

Nota: *p<.05 **p<.001 ***p<0.001

No que diz respeito às RS morte, mais uma vez os adolescentes revelam a importância dos outros nas suas representações. A morte associada ao mal-estar e, principalmente, à vivência próxima da morte (afastamento do outro), são muito marcados pelo que é sentido ou pensado pelos familiares e amigos. Já a morte ancorada no ritualismo ou no questionamento, são representações influenciadas, sobretudo, pelos companheiros. É de realçar que, em todas as representações, da vida e da morte, exceção feita ao mal-estar (RS da vida) e ao relacionamento com o outro (representação na qual a opinião dos conhecidos não parece ser relevante - o que pode indiciar que estes adolescentes associam, fortemente, a morte à perda ou afastamento dos que lhes são queridos), quer os familiares e amigos, quer os conhecidos, desempenham um contributo muito importante no entendimento destes jovens sobre o que é a vida e a morte.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os jovens inquiridos por nós, ouvem, sobretudo, *rock*. É de realçar que entre as bandas com médias mais elevadas de resposta, se encontram os *Nirvana* e os *Queen*. Em comum têm o facto de ter perdido o vocalista (e líder incontestado e carismático da banda) há já vários anos, tendo os *Nirvana* terminado quando Kurt Cobain pôs fim à sua própria vida. Ainda assim, 15 anos volvidos, continuam a figurar entre as preferências adolescentes, o que vem corroborar a ideia de que, efectivamente, há música que se ouve por convicção, opondo-se à que é mais circunstancial e que varia em função dos tops ou do que é moda (Oliveira, 2008a). Ainda que algumas bandas terminem, aquilo que representam, aquilo que faz com que se aprecie uma determinada banda ou músico, ou seja, os mecanismos de ancoragem e de objectivação em relação a determinadas preferências, tenderão a manter-se os mesmos, o que levará a uma procura por qualquer outra banda cujas representações sejam semelhantes (Oliveira, 2008a).

Congruente com a nossa primeira hipótese é o facto de os rapazes revelarem maior preferência por música *grunge* ou *metal*, enquanto as raparigas preferem o *emotional-rock* e o *pop-feminino*, ambos potencialmente mais ligados ao emocional, ambos mais «ligeiros».

Aquilo que estes jovens ouvem é bastante influenciado pelas opiniões e gostos, sobretudo, do melhor amigo(a), do namorado(a) e dos amigos, reforçando-se assim, a ideia da importância do grupo de pares numa actividade muito relevante na adolescência (e.g., Barros, 2000; Rodrigues, 1997; Sampaio, 1993). Esta influência dos amigos nas preferências musicais vai, claramente, de encontro ao que foi previsto na hipótese 5.

Os jovens que mais ouvem *emotional-rock*, uma música cujas letras tendem a falar, essencialmente, do amor, dos desgostos de amor e até mesmo do suicídio, tendem a dar maior importância às preferências dos companheiros. Será porque se trata de um estilo de música intimamente associado a uma dada (sub)cultura juvenil ou estilo de vida (forma de vestir, de pensar, de agir)? Neste caso, o grupo de pares funcionará como uma pequena (sub)-cultura, onde estes jovens se podem expressar livremente e no qual existe uma certa homogeneização das preferências (e.g., Barros, 2000; Rodrigues, 1997), tanto mais que os gostos musicais podem corresponder a atitudes que são exactamente reforçadas neles e por eles (e.g., Pais, 1991).

Para estes jovens, a vida é representada, sobretudo, enquanto diversão, amor e felicidade, ancorando, fortemente, nos amigos e na família, naquilo que se entende como uma visão hedonista da vida. Mais do que os rapazes, as raparigas associam a vida ao relacionamento com o outro e, contrariamente ao que prevíamos (hipótese 2), não a associam tanto a vida ao bem-estar, mas antes ao relacionamento com o outro e ao mal-estar. Ou seja, por um lado sentem a vida como uma partilha com as pessoas que são importantes mas, por outro, preocupa-as os problemas, a tristeza, e a própria morte, tida como o afastamento precisamente das pessoas às quais está directamente associada a vida. O que pode revelar maior «maturidade» cognitivo-emocional.

É para os jovens entre os 15 e os 16 anos que a vida surge mais associada à vontade de viver e à realização pessoal. Reforçamos que as representações da vida como bem-estar, vontade de viver e realização pessoal diminuem à medida que os adolescentes vão avançando na idade. O mal-estar tende a aumentar, mantendo-se estável a representação da vida como relacionamento com os outros. Regista-se, portanto, a presença dos outros, família, amigos, no universo representacional dos adolescentes, ainda que os seus sentimentos e pensamentos sobre a vida se vão tornado menos optimistas (e.g., Crepet, 2002; Oliveira, 2008a).

O *emotional-rock* e o *pop-feminino* estão associados à visão da vida como realização pessoal, mas os jovens que apreciam *emotional-rock*, a vida também é sinónimo de mal-estar.

Tal como prevíamos (hipótese 5), as representações que os adolescentes têm da vida são, efectivamente, influenciadas pelos sentimentos, ideias e pensamentos dos que os rodeiam. O melhor amigo(a), a mãe, o namorado(a) e os amigos surgem como as fontes mais relevantes de influência. De salientar a inclusão de uma figura da família junto do grupo de pares, situação que não verificámos relativamente às preferências musicais. A representação da vida como bem-estar, numa esfera mais individual, remetendo para a ideia da vida como alegria, diversão, felicidade e convívio, é largamente influenciada pelos familiares e amigos, embora os conhecidos contribuam bastante para a saliência desta dimensão. No dia-a-dia são os familiares e companheiros que, num círculo mais íntimo, mais circunstancial e situacional, influenciam a visão positiva e alegre que estes adolescentes têm da vida. Esta percepção está directamente relacionada com a sua expressa vontade de viver, na qual os mesmos referentes são igualmente importantes. A representação da vida enquanto saúde, família, trabalho e natureza, entendida como realização pessoal a nível individual, familiar e social, é significativamente influenciada quer pelos familiares e companheiros, quer pelos conhecidos. Os outros, independentemente da sua proximidade afectiva e/ou física, têm, portanto, uma

forte influência na forma como a vida é pensada, para que se alcance sucesso e se cumpram objectivos. O relacionamento com o outro é, compreensivelmente, muito marcado pela opinião dos familiares e amigos.

Destaque-se igualmente o facto da representação da vida como mal-estar não ter qualquer relação com o que sentem ou pensam os outros. Isso leva-nos a pensar que esta concepção menos positiva da vida é um sentir mais intra-individual. O adolescente pode não encontrar no grupo de pares identificação relativamente à concepção da vida como tristeza, problemas ou até mesmo morte, já que se pode registar uma sobre-valorização dos aspectos positivos da vida e uma sub-valorização do seu lado menos alegre.

No que diz respeito à morte, verificámos que saudade, perda, sofrimento, tristeza e família são representações consensuais ou hegemónicas (Moscovici, 1988), pois são largamente partilhadas, independentemente da pertença social. Para as raparigas, a morte é, sobretudo, ancorada em sentimentos de mal-estar e objectivada na sua vertente ritualista e no medo da perda dos referentes, o que, de resto, vai de encontro ao que esperávamos (hipótese 3), embora não tenham sido encontrados quaisquer efeitos significativos relativamente aos rapazes. As raparigas entre os 17 e os 19 anos representam a morte como mal-estar, ancorando-a em sentimentos de dor, sofrimento ou tristeza, resultado que suporta, parcialmente, a hipótese 4, uma vez que as dimensões associadas ao afectivo-emocional salientam-se nas RS da morte mas não nas da vida.

Um dado relevante diz respeito ao facto de a morte, para estes jovens, fazer pensar pouco ou nada em suicídio. Poderemos assumir que, tal como já foi demonstrado por alguns autores (e.g., Oliveira 2008a), estes jovens tendem a não associar o suicídio à sua própria morte? Para os adolescentes, o suicídio pode representar apenas uma fuga, uma forma de sobrevivência, uma maneira de desaparecer (e.g., Laufer, 2000; Oliveira, 2008a; Patros e Shamoos, 1989; Sampaio, 2002; Saraiva, 1999).

A música associa-se às RS da morte no sentido em que quanto mais os jovens apreciam *rock/grunge*, menos representam a morte como mal-estar e menos a objectivam em termos de causas ou rituais fúnebres. É, de resto, sobretudo o *pop-feminino*, que parece ter maior associação com a representação da morte como mal-estar, objectivada nas suas causas ou rituais. De salientar que quanto mais preferem *rock-clássico*, maior é a tendência dos jovens para pensarem a morte com curiosidade, questionando a vida para além da morte ou a existência de Deus.

Para estes adolescentes a morte está sempre associada à vivência próxima da mesma, ou seja, ao afastamento dos outros. Isso revela-nos que a morte é, essencialmente, sentida como a separação ou desaparecimento das pessoas que são próximas ou queridas. E é esse receio que causa sofrimento, tristeza, solidão e que faz ancorar a morte nas suas causas, nas suas características rituais, que faz questionar a existência de Deus ou equacionar a vida para além da morte.

Tal como verificámos com a música e com as RS da vida, também o sentir e o pensar acerca da morte encontram referência nos outros. A mãe, o pai, o melhor amigo(a) e o namorado(a) são indicados como as pessoas cujas ideias, pensamentos ou imagens sobre a morte são mais importantes. As representações da morte como sofrimento, tristeza ou dor, são muito influenciadas pelas opiniões da família e dos amigos. Saliente-se ainda que os conhecidos (teoricamente de um universo afectivamente mais afastado) têm, igualmente, um contributo muito relevante nessas representações. De resto, são precisamente os conhecidos que mais influenciam a visão da morte como ritualismo ou causas, e como questionamento ou transcendência. Será com as pessoas mais afastadas emocionalmente que os jovens mais desenvolvem as imagens da morte associadas ao ritualismo (caixão, funeral, preto) e às próprias causas da morte? Evitarão, assim, evitando, talvez, discutir estes aspectos com as pessoas que lhes estão mais próximas? Isso terá a ver, pelo menos em parte, com a noção de que a morte é um assunto muito pouco discutido, escondido e envergonhado (e.g., Oliveira, 2008a; Vovelle, 1991), dificilmente abordado em família ou no grupo de amigos. Para além disso, tenhamos em mente que falamos de adolescentes, expostos à televisão, aos filmes, aos jogos, à internet. Aos *media*. E estes meios de comunicação são, eles próprios, componentes do social e geradores de significado (Jovchelovitch, 2000). Para além disso, a componente ritualista ou causal da morte pode funcionar como uma espécie de terapia, como uma construção social que marca o fim, a despedida (Walter, 1994).

A morte continua a ser o fenómeno afastado, que «acontece aos outros». É preciso ter também em conta a possibilidade de muitos destes adolescentes nunca terem vivido, de perto, uma morte. Ou a isso podem ter sido «poupados». E também não será de ignorar o facto de, na sociedade ocidental, a morte estar associada exactamente ao seu aspecto mais ritualista e causal, agindo, pela comunicação e interacção, directamente sobre as representações destes jovens (Moscovici, 1988).

Novamente se salienta a presença de familiares como membros de referência. Excepção feita às preferências musicais, onde a referência ao grupo de pares domina, a família, em especial

os pais, continuam, mesmo na adolescência, fase de autonomização do pensamento e de corte de alguns laços de infância (e.g., Fleming, 1993; Laufer, 2000; Palmonari et al, 1991; Sprinthall e Sprinthall, 1993), a ser importantes referências no pensar e no sentir dos jovens. Pessoas cujas opiniões são tidas em grande consideração. Os pais podem influenciar o desenvolvimento das atitudes, valores e interesses dos filhos ao agirem como modelos de referência (e.g., Nurmi, 2004). A influência dos amigos pode ir no mesmo sentido, já que constituem uma «medida padrão» pela qual os adolescentes avaliam os seus próprios pensamentos, atitudes ou comportamentos (e.g., Ryan, 2001).

É relevante verificar a grande importância concedida às opiniões dos pais. Principalmente se tivermos em conta que, segundo alguns autores (e.g., Sampaio, 1993; Tao Hunter, 1985, citado por Nurmi, 2004; Vaillant, 2000), os adolescentes tendem a discutir com os pais questões mais relacionadas com a escola ou com o futuro profissional, reservando para os amigos as reflexões sobre sentimentos ou relacionamentos.

Ainda assim, os dois referentes mais importantes, por serem considerados quer nas preferências musicais, quer nas RS da vida e da morte, são o melhor amigo(a) e o namorado(a). Afinal, tal como nos diz Brown (2004), na adolescência, cerca de 90% dos jovens tem pelo menos uma pessoa que considera um grande amigo. E a influência destes amigos pode ocorrer de formas variadas, da mais directa (pressão e até coerção), à mais subtil (de carácter mais normativo, que acontece nas situações mais banais como as simples conversas). Esta influência é um fenómeno recíproco, já que o adolescente tanto influencia, como é, ele próprio, influenciado por quem o rodeia. Mas esse é também um ponto central na teoria das representações sociais; todos nós somos agentes, passivos e activos, na criação, manipulação e veiculação das RS (e.g., Oliveira, 2008a).

Reflectamos nestas questões: onde começa e acaba a «influência» do outro? Viver socialmente significa comunicar, interagir, dar e receber. Uma troca constante. Tudo o que somos e pensamos, decorre no seio de uma sociedade em constante mudança, fruto das nossas aprendizagens diárias, da forma como apreendemos e categorizamos a realidade. Tudo o que somos e pensamos é veiculado pela linguagem, pela capacidade de trocarmos informação e estímulos com o que nos rodeia. Com *quem* nos rodeia. Porque viver socialmente implica representar e as representações não são individuais ou idiossincráticas e fazem sentido apenas num quadro de partilha e influência (e.g., Amâncio, 1999)

Capítulo 6

CONCLUSÕES

Falar da morte (ainda) é tabu. Algo interdito. Em parte, tal como ainda o é, por exemplo, o sexo. Todos sabemos que a morte existe, que é natural e que acontece a todos. Mas dela não se fala. Habitualmente por vergonha, por saudade, por medo ou por não se saber como. Pais, escola, ou outras instituições não parecem preparados para «educar para a morte» (e.g., Oliveira, 2008b). O espaço onde, porventura, tais reflexões podem mais facilmente ocorrer, numa reflexão privada, será entre amigos ou no escape que constitui a música, vivendo, no som e nas palavras dos outros, as dúvidas que por vezes são tão difíceis de expressar. Na adolescência, período onde tudo é vivido tão intensamente, de forma até dramática, onde os jovens buscam por si e pelos outros, onde tudo é questionado, o que pensam os jovens sobre a vida... e sobre a morte? E em que medida o que pensam ou sentem se relaciona com a opinião ou influência dos outros? Este constituiu o ponto de partida para a nossa pesquisa. Foi esta a problemática que nos orientou.

Tínhamos por objectivos apreender as representações sociais da vida e da morte numa população adolescente, perceber quais as suas preferências musicais, verificar de que modo as representações sociais e as preferências musicais encontradas variavam em função dos grupos de pertença (sexo e idade), e entender de que modo as RS da vida e da morte poderiam estar relacionadas com as preferências musicais e com a opinião dos outros. A investigação foi desenvolvida de modo a cumprir estes objectivos.

Tristeza e alegria. Mal-estar vs bem-estar. Vida e morte como duas faces da mesma moeda, complementares. Pensar numa é, inevitavelmente, pensar na outra. Isso mesmo nos mostraram os adolescentes, ao representarem a vida essencialmente como alegria e bem-estar, e a morte particularmente como mal-estar. Este pensamento tão intenso, reflecte quer a dualidade inerente aos próprios conceitos, quer a marcada ambivalência e polaridade características da adolescência (e.g., Bossa, 2000; Crepet, 2002; Sampaio, 2002).

A morte surgiu objectivada, associada ao caixão, ao cemitério, ao preto e ao luto, remetendo para uma imagética que a relaciona a rituais. E, por outro lado, ancora na ideia de separação, no medo e no horror do fim, tomada como uma realidade da qual não há fuga possível, representações que são mais características das raparigas.

Tal como nos disse Kübler-Ross (1991), utilizamos eufemismos, embelezamos os mortos de modo a que permaneça neles uma réstia de vida, evitamos que as crianças assistam aos

velórios, aos funerais ou sejam expostas ao cadáver, porque acreditamos que com isso as protegemos do sofrimento. Não trará um sofrimento maior mantê-las na ignorância do que é, efectivamente, a vida? E será que elas, tal como os adolescentes, não se apercebem da morte e de tudo o que com ela se relaciona? (e.g., Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2004).

Perceber como os adolescentes pensam a vida e a morte apresenta-se como uma mais-valia para os técnicos de saúde mental (e.g., Brown e Hendee, 1989). É nossa convicção de que poderá ser uma ferramenta útil em campanhas de prevenção do suicídio juvenil.

Se a música constitui de facto uma linguagem utilizada pelos adolescentes para partilhar e descobrir o mundo, não poderá, igualmente, constituir um privilegiado veículo de comunicação com os jovens, mesmo em situação de relação terapêutica? (e.g., Brown e Hendee, 1989; Schwartz e Fouts, 2003). Tenhamos em mente que a relação com os outros, a comunicação e a interacção, tão relevantes na adolescência, são essenciais no desenvolvimento e divulgação de pensamentos, sentimentos e comportamentos, afinal, os elementos integrantes e integradores das representações sociais (Moscovici, 1988).

Os adolescentes revelaram-nos a importância das opiniões, pensamentos e sentimentos dos seus referentes. Poderíamos ainda averiguar qual o contributo individual de cada um deles nestas representações.

Estes resultados focam uma realidade complexa em termos psicossociais. Estudámos as representações sociais da vida e da morte na adolescência por se tratar de uma fase propícia aos grandes questionamentos. Contudo, assumindo que as alterações cognitivas, sociais e emocionais que se registam ao longo da vida são essenciais na forma como se pensam estes fenómenos, e que o convívio de perto com a morte pode influenciar largamente as concepções que dela se tem (e.g., Maxfield et al, 2007) seria interessante, em futuras investigações, trabalhar-se amostras de adultos e idosos.

Apreciar a vida, pensar como é agradável um dia de sol, como é bom poder dançar ou passear com alguém de quem se gosta. Reflectir sobre os problemas, sobre a morte. Temer a dor, o desaparecimento de quem dá significado à vida. O fim ou um fim? (e.g., Oliveira, 2008a). Pensar *com* os outros e *sobre* os outros. Ao som das perguntas e das respostas, no equilíbrio entre o que pensam e sentem e o que são os pensamentos e sentimentos dos outros, os adolescentes caminham rumo à sua individualidade. Afirmando a vida como a negação da morte ou a possível negação de si mesmos. E olhando na morte, sobretudo, a importância do outro.

REFERÊNCIAS

- Abreu, P. (2000). Práticas e consumos de música(s): ilustrações sobre alguns novos contextos da prática cultural. *Revista crítica de ciências sociais*, 56, 123-147.
- Adams, G. (2005). Adolescent development. In T. Gullota & G. Adams (Eds.). *Handbook of adolescents behavioural problems: evidence based approaches to prevention and treatment*. New York: Springer Science & Business Media, Inc.
- Amâncio, L. (1999). Apresentação. In A. Oliveira, *O desafio da morte*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ariés, P. (1975). *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Arnett, J. (1991). Adolescents and heavy metal music: from the mouths of metalheads. *Youth & Society*, 23 (1), 76-98.
- Asch, S. (1952). *Social Psychology*. N.J.: Prentice-Hall.
- Barros, C. (2000). *Música e juventude*. Lisboa: Vulgata.
- Blood, A, Zatorre, R. Bermudez, P & Evans, A. (1999). Emotional responses to pleasant and unpleasant music correlate with activity paralimbic brain regions. *Nature America*, 4 (2), 382-387.
- Blos, P. (1962). *On adolescence*. Nova Iorque: Free Press Glencoe.
- Borrvalho, C. (2002). *Música, preferências musicais e a ideação suicida na adolescência*. Monografia, ISPA, Lisboa.
- Bouça, D. (1997). *Madrugada de lágrimas – depressão na adolescência*. Porto: Edinter.
- Bowlby, J. (1998). *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Braconnier, A. (2002). *Guia da adolescência – primeiro volume*. Lisboa: Prefácio.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Bradbury, M. (1999). *Representations of death*. Londres: Routledge.
- Brien, J. (Ed.). (2009). *Encyclopedia of Gender and Society*. CA: Sage Publications.
- Brown, B. (2004). Adolescents' relationships. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.). *Handbook of adolescent psychology* (2ª ed.). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Brown, E. & Hendee, W. (1989). Adolescents and their music: insights into the health of adolescents. *Journal of the American Medical Association*, 262, 1659-1663.
- Cabral, M., & Pais, J. (Eds.). (2003). *Condutas de risco, práticas culturais, e atitudes perante o corpo: resultados de um inquérito aos jovens portugueses em 2000* (Col. Estudos sobre juventude, 4). Oeiras: Celta/IPJ.

- Campos, N. (2001). *Psicologia da adolescência*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Castro, P. (2002). *Natureza, ciência e retórica na construção social da ideia de ambiente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chaplin, J. (1981). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: D. Quixote.
- Coelho, A. (1991). *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Livraria Minerva.
- Coleman, J. (1992). Current views of the adolescent process. In J. Coleman (Ed.), *The School Years – current issues in the socialization of young people*. (2^a ed.). London: Routledge.
- Coleman, J. (1995). Adolescence. In P. Bryant & A. Colman (Eds.), *Developmental Psychology*. New York: Longman.
- Crepet, P. (2002). *A dimensão do vazio*. Porto: Âmbar.
- Crozier, W. (2000). Musical and social influence. In D. Hargreaves & A. North (Eds.), *The social psychology of music*. Oxford: University Press.
- Durkheim, E. (1898). Représentations individuelles et représentations collectives. *Revue de Métaphysique et de Morale*, 6, 273-302.
- Erikson, E. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Farr, R. (1984). Représentations sociales. In S. Moscovici (Ed.). *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Feifel, H. (1990). Psychology and death. *American Psychologist*, 15 (4), 537-543.
- Festinger, L. (1950). Informal social communication. *Psychological Review*, 57, 271-282.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia – o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Afrontamento.
- Flores, F. (1993). *Cemitérios de Lisboa: entre o real e o imaginário*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Fonseca, H. (2002). *Compreender os adolescentes*. Lisboa: Presença.
- Fornas, J., Lindberg, U. & Sernhede, O. (1995). *In garageland: rock, youth and modernity*. Londres: Routledge.
- Frankel, R. (1999). *The adolescent psyche*. Londres: Routledge.
- Galambos, N. (2004). Gender and gender role: development in adolescence. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.). *Handbook of adolescence psychology* (2^a ed.). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Gard, C. (1997). Music'n'Moods. *Current Health*, 2, 24-26.
- Geldard, K. & Geldard, D. (2000). *Counselling adolescents*. Londres: Sage Publications.

- Goldey (1983). The good death: personal salvation and community identity. In R. Feijó, H. Martins e J. Pina Cabral (Eds.). *Death in Portugal*. Oxford: Jaso.
- Hargreaves, D. & North, A. (Eds.). (2000). *The social psychology of music*. Oxford: University Press.
- Hanus, M. (1998). Editorial. In *Estudes sur la mort: L'adolescent et la mort*. Paris: L'Esprit du Temps.
- Heaven, P. (1994). *Contemporary adolescence – a social psychological approach*. Melbourne: Masmillan Australia.
- Hennezel, M. (2002). *Não nos despedimos*. Lisboa: Ed. Notícias.
- Jodelet, D. (1984). *Les representations sociales: phénomènes, concept et théorie*. In S. Moscovici (Ed.). *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Jovchelovitch, S. (1996). In defense of representations. *Journal for the theory of social behaviour*, 26 (2), 121-135.
- Jovchelovitch, S. (2000). *Representações sociais e esfera pública*. SP: Câmara Brasileira do Livro.
- Kastenbaum, R. (2001). *Death, society and human experience*. (7^a ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Kelley, H. (1952). Two functions of reference groups. In G. E. Swanson, T.M. Newcomb, & E.L. Hartley (Eds.). *Readings in Social Psychology*. New York: Holt.
- Kemp, A. (2000). Individual differences in music behaviour. In D. Hargreaves & A. North (Eds.), *The social psychology of music*. Oxford: University Press.
- Kübler-Ross, E. (1991). *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Liv. M. Fontes.
- Ladame, F. (1995). Le suicide chez l'enfant et l'adolescence. In S. Lebovici, R. Diatkine, & M. Soule (Eds.). *Nouveaux traité de psychiatrie de l'enfant et l'adolescent*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Laufer, M. (2000). *O adolescente suicida*. Lisboa: Climepsi.
- Lerner, R. (1983). A “goodness of fit” model of person-context interaction. In D. Magnusson & V. L. Allen (Eds.). *Human development: an interactional perspective*. New York: Academic Press.
- Lerner, R. & Steinberg, L. (Eds.). (2004). *Handbook of adolescence psychology* (2^a ed.). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Lifton, J. (1979). *The broken connection*. New York: Simon and Schuster.
- Machado, C. (1999). *Cuidar dos mortos*. Mem Martins: Instituto de Sintra.

- Mackie, D. & Queller, S. (2000). The impact of group membership on persuasion: revisiting “who says what to whom with what effect?”. In D. J. Terry & M. A. Hogg (Eds.). *Attitudes, behaviour and social context: the role of norms and group membership*. N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Mattoso, J. (1996). Os rituais da morte na liturgia hispânica (séculos VI a XI). In J. Mattoso, *O reino dos mortos na idade media peninsular*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Maxfield, M., Kluck, B., Greenberg, J., Pyszczynski, T., Cox, C., Solomon, S., & Weise, D. (2007). Age-related differences in responses to thoughts of one’s own death: mortality salience and judgments of moral transgressions. *Psychology and aging*, 22 (2), 341-353.
- Mills, B. (1996). Effects of music on assertive behaviour during exercise on middle-school-age students. *Perceptual and motor skills*, 83, 423-426.
- Morin, E. (1988). *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Fargas (Ed.). *Social Cognition-perspectives on everyday understanding*. Londres: Academic Press.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Moscovici, S. (1989). Des representations collective aux représentations sociales. In D. Jodelet (Ed.). *Les representations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. & Hewstone, M. (1984). De la science au sens commun. In S. Moscovici (Ed.). *Psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. & Marková, I. (2000). Ideas and their development: a dialogue between Serge Moscovici and Ivana Marková. In S. Moscovici. *Social representations explorations in social psychology*. Cambridge: Polity Press.
- Moshman, D. (2005). *Adolescent psychological development*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Nuland, S. (1993). *How we die*. Londres: Chatoo & Windus Limited.
- Nunes, P. (1997). A música no universo juvenil: práticas e representações. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL, Lisboa.
- Nurmi, J. (2004). Socialization and self-development: channeling, selection, adjustment and reflection. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.). *Handbook of adolescence psychology* (2ª ed.). New York: John Wiley and Sons, Inc.

- Oliveira, A. (1995). *Percepção da Morte: a realidade interdita*. Tese de Mestrado, ISCTE, Lisboa.
- Oliveira, A. (2004). *Ilusões: a melodia e o sentido da vida na idade das emoções: representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência*. Tese de Doutoramento, ISCTE – Lisboa.
- Oliveira, A. (2008a). *Ilusões na idade das emoções – representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, A. (2008b). *O desafio da morte* (2ª ed.). Lisboa: Âncora Editora.
- Oliveira, A., & Amâncio, L. (1998). Pertencas sociais e formas de percepção e representação da morte. *Psicologia*, *XII* (1), 115-137.
- Oliveira, A., & Amâncio, L. (1999). A influência do contexto na percepção e nas representações sociais da morte. *Psicologia*, *XII* (2), 213-235.
- Oliveira, A., Amâncio, L., & Sampaio, D. (2001). Arriscar morrer para sobreviver. *Análise Psicológica*, *XIX* (4), 509-521.
- Oliveira, A., Amâncio, L., & Sampaio, D. (2004). Da desesperança ao desafio da morte... e à conquista da vida: Olhar sobre o adolescente suicida. *Psychologica*, *35*, 69-83.
- Orbach, I., Kedem, P., Gorchover, O., Apter, A., & Tyano, S. (1993). Fears of death in suicidal and nonsuicidal adolescents. *Journal of abnormal psychology*, *102* (4), 553-558.
- Pais, J. (1996). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Palmonari, A., Pombeni, M. & Kirchler, E. (1991). Differential effects of identification family and peers on coping with developmental tasks in adolescence. *European journal of Social Psychology*, *21*, 381-402.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw- Hill.
- Patros, P., & Shamo, T. (1989). *Depression and suicide in children and adolescents*. Prevention, Intervention and Postvention. Massachusetts: Allyn and Bacon, Inc.
- Piaget, J. (1978). *Seis estudos de psicologia*. Lisboa: D. Quixote.
- Polce-Lynch, M., Myers, J., Kliewer, W., & Kilmartin, C. (2001). Adolescent self-esteem and gender: Exploring relations to sexual harassment, body image, media influence, and emotional expression. *Journal of Youth and Adolescence*, *30*, 225–244.
- Pommereau, X. (1998). *Quando o adolescente se sente mal...* Lisboa: Terramar.
- Rodrigues, A. (1997). *Valores e representações corporais em culturas juvenis escolares*. Tese de Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana – UTL, Lisboa.

- Russel, P. (2000). Musical taste and society. In D. Hargreaves & A. North (Eds.), *The social psychology of music*. Oxford: University Press.
- Ryan, A. (2001). The peer group as a context for the development of young adolescent motivation and achievement. *Child Development*, 72, 1135–1150.
- Sacks, O. (2008). *Musicofilia: histórias sobre a música e o cérebro*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Sampaio, D. (1991). *Ninguém morre sozinho*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (1993). *Vozes e ruídos*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (2002). *Ninguém morre sozinho* (12^a ed.). Lisboa: Caminho.
- Saraiva, C. (1999). *Para-Suicídio*. Coimbra: Quarteto.
- Scheel, K. & Westfeld, J. (1999). Heavy metal music and adolescent suicidality: an empirical investigation. *Adolescence*, 134 (34), 253-273.
- Schimel, J., Hayes, J., Williams, T. & Jahrig, J. (2007). Is death really the worm at the core? Converging evidence that worldview threat increases death-thought accessibility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92 (5), 789-803.
- Schowalter, J. (1987). Adolescents concepts of death and how these can kill them. In J. Schowalter, P. Buchschman, P. Patterson, A. Kutscher, M. Tallmer & R. Stevenson (Eds.). *Children and death – perspectives from birth through adolescence*. New York: Praeger Publishers.
- Schwartz, K. & Fouts, G. (2003). Music preferences, personality style and developmental issues of adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 32 (3), 205-213.
- Sherif, M. (1936). *The psychology of social norms*. New York: Harper & Brothers.
- Shuker, R. (1998). *Key concepts in popular music*. London: Routledge.
- Speece, M. & Brent, S. (1987). Irreversibility, nonfunctionality and universability in children's understanding of the three components of a death concept. In Schowalter, P. Buschhman, P. Patterson, A. Kutscher, M. Tallmer & R. Stevenson (Eds.). *Children and death – perspectives from birth through adolescence*. New York: Praeger Publishers.
- Sprinthall, R. & Sprinthall, N. (1993). *Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Sprinthall, R. & Collins, W. (1999). *Psicologia do adolescente - uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Susman, E. & Rogol, A. (2004). Puberty and psychological development. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.). *Handbook of adolescence psychology* (2^a ed.). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Thomas, L-V. (1978). *Mort et pouvoir*. Paris: Payot.
- Vaillant, M. (2000). *O adolescente no quotidiano*. Lisboa: Pergaminho.
- Vala, J. (1986). Sobre as representações sociais – para uma epistemologia do senso comum. *Cadernos de ciências sociais*, 4, 5-30.
- Vala, J. (2004). Representações sociais e psicologia social do quotidiano. In J. Vala & M. Benedita (Eds.). *Psicologia Social* (4^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vallejo-Nágera, A. (2003). *Os adolescentes e os pais*. Lisboa: Presença.
- Vovelle, M. (1983). *La morte et l'occident de 1300 à nos jours*. Paris: Gallimard.
- Walter, T. (1994). *The revival of death*. New York: Routledge.

ANEXOS

1. Quadros de análise descritiva

Quadro 1 - Médias e Desvio-Padrão relativas às preferências musicais

Bandas/Compositores	Média	Desvio- Padrão
Arctic Monkeys	2,73	1,211
Amy Winehouse	2,98	1,34
Alanis Morrissette	2,53	1,109
Beethoven	2,23	1,14
Bem Harper	3,27	1,204
Bob Marley	3,51	1,157
Bob Sinclair	3,2	1,157
Coldplay	3,42	1,199
Cradle of Filth	2,07	1,144
Da Weasel	3,22	1,164
Eminem	2,49	1,242
Green Day	3,34	1,094
Guns n' Roses	3,23	1,208
Incubus	2,87	1,217
Jonas Brothers	2,02	1,094
Korn	2,37	1,234
Lamb	2,05	1,097
Led Zeppelin	2,65	1,278
Lenny Kravitz	3,32	1,164
Prodigy	2,51	1,184
Queen	3,35	1,231
Marilyn Manson	2,06	1,234
Metallica	3,01	1,473
Nirvana	3,26	1,348
Pearl Jam	2,97	1,262
Offspring	3,3	1,301
Red Hot Chilli Peppers	3,95	1,025
REM	2,56	1,173
Rihanna	2,31	1,174
System of a Down	2,88	1,253
Smashing Pumpkins	2,42	1,117
The Doors	2,64	1,124
Tokio Hotel	1,39	0,811
U2	3,2	1,185
Xutos e Pontapés	3,53	1,18

Quadro 3 - Médias e Desvio-Padrão relativas à influência dos outros nas preferências musicais

Influências	Média	Desvio-Padrão
Amigos	3,36	1,131
Colegas	2,65	1,089
Conhecidos	2,32	1,02
Figura Pública	1,92	0,995
Irmã(o)	3,14	1,425
Jornalista/crítico de música	2,36	1,143
Mãe	2,63	1,331
Melhor amigo(a)	3,64	1,167
Músico de referência	3,04	1,279
Namorado(a)	3,44	1,302
Outro familiar	2,63	1,379
Outra pessoa de quem gosto muito	3,15	1,199
Professor	1,69	0,912
Pai	2,66	1,372

Quadro 5 - Médias e Desvio-Padrão relativas às RS Vida

Sentimentos, Pensamentos ou Imagens	Média	Desvio-Padrão
Activo	3,84	0,81
Alegria	4,16	0,781
Amigos	4,42	0,773
Amor	4,34	0,757
Amizade	4,50	0,733
Bem	4,05	0,846
Bem-estar	4,18	0,81
Convívio	4,08	0,818
Contente	4,16	0,754
Diversão	4,29	0,797
Esperança	3,93	0,863
Família	4,21	0,931
Felicidade	4,31	0,832
Força	4,08	0,843
Futuro	4,20	0,924
Liberdade	4,22	0,906
Morte	2,53	1,327
Natureza	3,45	1,044
Pessoas	3,73	0,921
Problemas	3,34	1,081
Saúde	3,82	1,08
Sol	3,29	1,291
Trabalho	3,20	1,106
Tristeza	2,89	1,185
Viver	4,22	0,883
Vivo	4,12	0,943
Vontade de viver	4,33	0,896

Quadro 7 - Médias e Desvio-Padrão relativas à influência dos outros nas RS Vida

Influências	Média	Desvio-Padrão
Amigos	3,89	1,079
Colegas	2,95	1,044
Conhecidos	2,61	1,048
Figura Pública	1,97	0,992
Irmã(o)	3,8	1,285
Jornalista/crítico de música	2,04	1,127
Mãe	4,12	1,113
Melhor amigo(a)	4,16	1,038
Músico de referência	2,42	1,253
Namorado(a)	3,96	1,177
Outro familiar	3,48	1,322
Outra pessoa de quem gosto muito	3,88	1,082
Professor	2,34	1,109
Pai	3,84	1,31

Quadro 9 - Médias e Desvio-Padrão relativas às RS Morte

Sentimentos, Pensamentos ou Imagens	Média	Desvio-Padrão
Acidente	3,34	1,26
Angústia	3,38	1,24
Caixão	2,71	1,469
Cemitério	2,93	1,43
Choro	3,55	1,30
Confusão	3,12	1,29
Cruz	2,35	1,28
Curiosidade	2,78	1,43
Desespero	3,06	1,30
Deus	2,87	1,52
Doença	3,34	1,23
Dor	3,67	1,23
Escuridão	3,17	1,46
Família	3,69	1,35
Familiar próximo	3,66	1,33
Fim	3,43	1,45
Funeral	2,89	1,40
Horror	2,89	1,35
Infelicidade	3,39	1,33
Lágrimas	3,51	1,34
Mal	2,88	1,34
Medo	3,30	1,40
Pena	3,08	1,27
Pensativo	3,42	1,24
Perda	3,81	1,19
Preto	2,61	1,41
Revolta	3,21	1,36
Saudade	4,02	1,18
Sufrimento	3,83	1,29

Solidão	3,28	1,35
Suicídio	2,30	1,40
Tristeza	3,68	1,29
Vazio	3,39	1,37
Vida	3,30	1,39
Vida para além da Morte	3,31	1,44

Quadro 11 - Médias e Desvio-Padrão relativas à influência nas RS Morte

Influência	Média	Desvio- Padrão
Amigos	3,33	1,32
Colegas	2,61	1,18
Conhecidos	2,37	1,17
Figura Pública	1,88	1,04
Irmã(o)	3,5	1,42
Jornalista/crítico de música	1,85	1,05
Mãe	3,85	1,31
Melhor amigo(a)	3,67	1,34
Músico de referência	1,92	1,11
Namorado(a)	3,63	1,36
Outro familiar	3,28	1,42
Outra pessoa de quem gosto muito	3,5	1,34
Professor	2,1	1,13
Pai	3,69	1,37

2. ACP – Soluções iniciais das variáveis

Solução inicial ACP referente às Preferências Musicais

Rotated Component Matrix^a

	Component								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nirvana	,730	,325	,072	,073	,320	,037	-,024	-,015	,080
Offspring	,713	,076	,131	,011	,169	,255	,149	,029	-,019
Red Hot Chili Peppers	,656	,025	,083	,301	-,024	,150	,318	-,058	,073
Pearl Jam	,646	,460	,059	,180	,044	,224	,030	,006	,027
Guns n' roses	,636	,227	,139	,168	,194	,044	-,049	-,194	,225
Incubus	,633	,130	,415	,124	-,113	,030	-,086	,080	-,039
The Doors	,222	,736	,187	,168	,061	,071	,107	,125	,142
REM	,234	,619	,117	,285	,060	,013	,065	,079	,095
Smashing Pumpkins	,484	,531	,360	-,002	-,018	-,083	,063	,010	,156
Led Zeppelin	,367	,518	,295	,194	,230	-,110	-,086	-,159	,179
System of a Down	,219	,500	,374	-,132	,306	,019	,216	-,060	-,128
Lamb	,086	,239	,742	,146	,153	,014	,067	,134	,026
Cradle of Filth	,152	,100	,716	,049	,077	,000	-,031	,074	,172
Arctic Monkeys	,467	,112	,496	,072	-,213	-,077	,164	-,286	,146
Prodigy	,248	,403	,443	,067	,216	,246	,199	-,005	,250
Lenny Kravitz	,210	,084	,213	,702	,074	,313	,038	-,018	-,144
U2	,347	,216	-,093	,656	-,023	-,014	,141	,045	,253
Alanis Morissette	-,174	,254	,195	,588	-,176	,285	,027	,179	-,027
Coldplay	,214	,002	,199	,544	-,025	,014	,115	,153	,453
Xutos e Pontapés	,394	,304	-,289	,419	,040	,184	,133	,060	,025
Marilyn Manson	,131	,273	,338	,103	,626	-,027	,088	-,025	-,036
Amy Winehouse	,010	,086	,101	,405	-,586	,141	,068	-,006	-,033
Korn	,185	,280	,514	,080	,568	-,108	,088	-,092	-,085
Metallica	,559	,234	,044	-,060	,560	-,054	,034	-,019	,100
Bob Marley	,165	,043	-,069	,052	,040	,854	,084	-,119	,102
Ben Harper	,160	,012	,073	,323	-,124	,751	-,022	,046	,090
Bob Sinclair	,043	-,017	-,047	,089	-,169	,647	,411	,265	-,040
Eminem	,031	,157	,074	-,095	,192	,063	,757	,089	,155

Da Weasel	,082	,062	,020	,205	-,156	,146	,707	-,139	-,147
Linkin Park	,228	-,085	,044	,217	,458	,033	,543	,263	,051
Tokio Hotel	-,031	-,050	,119	-,092	,086	-,138	-,070	,703	,067
Jonas Brothers	-,005	,062	-,031	,232	-,060	,164	4,858E-5	,673	-,148
Rihanna	-,190	,176	-,057	,037	-,203	,077	,422	,620	-,112
Green Day	,165	,077	,177	,303	,280	,050	,343	,392	,080
Beethoven	,002	,114	,222	-,082	-,026	,100	,026	-,118	,789
Queen	,266	,213	-,083	,353	,066	,070	-,063	-,040	,572

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 26 iterations.

Solução inicial ACP referente à influência dos outros nas Preferências Musicais

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
melhor amigo(a)	,814	,278	,230
outra pessoa de quem gosto muito	,769	,204	,346
namorado(a)	,759	,132	,276
amigos(as)	,756	,348	,093
irmã(o)	,519	,224	,464
figura pública	,132	,811	,175
conhecidos(as)	,371	,732	,091
jornalista/crítico de música	,145	,636	,301
colega(s) de escola	,539	,625	,066
músico de referência	,369	,560	,102
pai	,255	,113	,831
mãe	,351	,059	,796
outro familiar	,333	,234	,694
professor(a)	-,158	,496	,649

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 8 iterations.

Solução inicial ACP referente à influência dos outros nas RS vida

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
pai	,855	,146	,090
mãe	,791	,082	,363
outro familiar	,744	,243	,171
irmã(o)	,700	,206	,305
outra pessoa de quem gosto muito	,643	,067	,579
jornalista/crítico de música	,093	,863	,035
figura pública	,184	,810	,054
músico de referência	,029	,744	,193
professor(a)	,366	,690	-,006
conhecidos(as)	,059	,673	,449
amigos(as)	,375	,184	,788
melhor amigo(a)	,524	,046	,737
colega(s) de escola	,085	,519	,672
namorado(a)	,554	,027	,561

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 8 iterations.

Solução inicial ACP referente às RS morte

Rotated Component Matrix(a)

	Component				
	1	2	3	4	5
sofrimento	,822	,152	,299	-,018	-,091
solidão	,806	,219	,081	,180	-,034
tristeza	,806	,168	,207	-,009	,111
lágrimas	,772	,197	,231	-,010	,268
vazio	,738	,147	,004	,257	,121
dor	,731	,252	,253	-,029	,148
infelicidade	,726	,331	,187	-,001	,146
medo	,716	,258	,171	,233	,220
revolta	,676	,167	,245	,202	,174
desespero	,657	,266	,212	-,015	,277
fim	,646	,373	,069	,072	-,031
perda	,642	,202	,503	,031	-,022
mal	,633	,433	-,180	,223	,149
saudade	,623	,027	,499	,067	-,211
choro	,614	,265	,310	-,034	,430
horror	,608	,482	,029	,137	,204
pena	,567	,310	,293	,232	,105
angústia	,565	,337	,151	-,092	,473
escuridão	,521	,300	-,015	,430	,105
caixão	,193	,876	,035	,160	,109
cemitério	,257	,839	,096	,095	,148
funeral	,336	,783	,039	,125	,050
acidente	,218	,668	,341	,001	,173
cruz	,144	,624	,091	,418	-,043
doença	,356	,532	,342	,053	,004
preto	,395	,433	,042	,398	,091
suicídio	,280	,432	-,308	,256	,072
família	,385	,074	,753	,076	,144
familiar próximo	,416	,073	,728	,113	,115
vida	,009	,135	,603	,326	,098
pensativo(a)	,331	,054	,450	,265	,366
deus	,118	,136	,219	,709	-,051
vida para além da morte	,021	,119	,086	,637	,023
curiosidade	-,050	,097	,080	,547	,478
confusão	,467	,207	,172	,102	,608

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a Rotation converged in 7 iterations.

Solução inicial ACP referente à influência dos outros nas RS morte

Rotated Component Matrix^a

	Component	
	1	2
melhor amigo(a)	,908	,175
mãe	,907	,139
outra pessoa de quem gosto muito	,889	,173
pai	,849	,148
namorado(a)	,837	,143
irmã(o)	,817	,310
amigos(as)	,808	,345
outro familiar	,805	,236
jornalista/crítico de música	,050	,895
figura pública	,081	,877
músico de referência	,133	,857
conhecidos(as)	,359	,724
colega(s) de escola	,486	,663
professor(a)	,409	,620

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 3 iterations.

3. Instrumento de medida



Este questionário surge no âmbito de uma dissertação de Mestrado no Instituto Superior de Ciências de Trabalho e da Empresa. É constituído por alguns grupos de questões que abordam temas de interesse social, em particular entre os jovens. O que pedimos é que expresse a sua opinião sincera acerca de cada uma delas.

Para cada questão, por favor assinale a sua resposta com um círculo ou com uma cruz. Em caso de engano, risque a resposta errada e assinale claramente a resposta que pretende dar.

Não existem respostas certas ou erradas, o que procuramos é a sua **opinião pessoal**.

Agradecemos, por isso, que responda da forma mais espontânea e rápida que lhe for possível.

As suas respostas são **anónimas** e **confidenciais**. Os seus dados serão tratados em conjunto com todos os outros e destinam-se somente a interpretação estatística.

É livre de recusar preencher o questionário ou desistir a qualquer altura.

A sua opinião é muito importante para nós!

Por favor note que o questionário tem frente e verso.

AGRADECEMOS MUITO A SUA COLABORAÇÃO!

1. Em que medida, na música, tem preferência pelos seguintes grupos/autores:

- | | |
|----|---------------------|
| 1. | Não gosto nada |
| 2. | Gosto pouco |
| 3. | Nem pouco nem muito |
| 4. | Gosto muito |
| 5. | Gosto muitíssimo |

1.	Artic Monkeys	1	2	3	4	5	31.	System of a Dow	1	2	3	4	5
2.	Amy Winehouse.....	1	2	3	4	5	32.	Smashing Pumpkins	1	2	3	4	5
3.	Alanis Morissette...	1	2	3	4	5	33.	The Doors.....	1	2	3	4	5
4.	Beethoven	1	2	3	4	5	34.	Tokio_Hotel.....	1	2	3	4	5
5.	Ben Harper	1	2	3	4	5	35.	U2.....	1	2	3	4	5
6.	Bob Marley	1	2	3	4	5	36.	Xutos.....	1	2	3	4	5
7.	Bob Sinclair.....	1	2	3	4	5	37.	_____	1	2	3	4	5
8.	Coldplay.....	1	2	3	4	5	38.	_____	1	2	3	4	5
9.	Cradle of Filth.....	1	2	3	4	5	39.	_____	1	2	3	4	5
10.	Da Weasel.....	1	2	3	4	5	40.	_____	1	2	3	4	5
11.	Eminem.....	1	2	3	4	5							
12.	Green Day.....	1	2	3	4	5							
13.	Guns n' roses..	1	2	3	4	5							
14.	Incubus	1	2	3	4	5							
15.	Jonas_Brothers	1	2	3	4	5							
16.	Korn.....	1	2	3	4	5							
17.	Lamb.....	1	2	3	4	5							
18.	Led Zeppelin...	1	2	3	4	5							
19.	Lenny Kravitz..	1	2	3	4	5							
20.	Linkin Park.....	1	2	3	4	5							
21.	Prodigy.....	1	2	3	4	5							
22.	Queen.....	1	2	3	4	5							
23.	Marilyn Manson...	1	2	3	4	5							
24.	Metallica.....	1	2	3	4	5							
25.	Nirvana.....	1	2	3	4	5							
26.	Pearl Jam.....	1	2	3	4	5							
27.	Offspring.....	1	2	3	4	5							
28.	Red Hot_Chili Peppers	1	2	3	4	5							
29.	REM.....	1	2	3	4	5							
30.	Rihanna.....	1	2	3	4	5							

2. Relativamente aos seus gostos ou preferências musicais, em que medida são importantes para si as sugestões, gostos ou preferências musicais, nomeadamente de:

1.	Absolutamente nada
2.	Pouco importante
3.	Nem pouco nem muito importante
4.	Bastante
5.	Muitíssimo

a) Amigos (as).....	1	2	3	4	5
b) Colega (s) de escola.....	1	2	3	4	5
c) Conhecidos (as)	1	2	3	4	5
d) Figura pública.....	1	2	3	4	5
e) Irmã (ao).....	1	2	3	4	5
f) Jornalista/crítico de música.....	1	2	3	4	5
g) Mãe.....	1	2	3	4	5
h) Melhor amigo (a).....	1	2	3	4	5
i) Músico de referência.....	1	2	3	4	5
j) Namorado (a).....	1	2	3	4	5
k) Outro familiar (-----).....	1	2	3	4	5
l) Outra pessoa de quem gosto muito.....	1	2	3	4	5
m) Professor (a).....	1	2	3	4	5
n) Pai.....	1	2	3	4	5

3. Em que medida a Vida lhe faz pensar, sentir ou imaginar...:

1.	Nada
2.	Pouco
3.	Nem pouco nem muito
4.	Muito
5.	Muitíssimo

• Activo.....	1	2	3	4	5
• Alegria.....	1	2	3	4	5

• Amigos.....	1	2	3	4	5
• Amor.....	1	2	3	4	5
• Amizade.....	1	2	3	4	5
• Bem.....	1	2	3	4	5
• Bem-estar.....	1	2	3	4	5
• Convívio.....	1	2	3	4	5
• Contente.....	1	2	3	4	5
• Diversão.....	1	2	3	4	5
• Esperança.....	1	2	3	4	5
• Família.....	1	2	3	4	5
• Felicidade.....	1	2	3	4	5
• Força.....	1	2	3	4	5
• Futuro.....	1	2	3	4	5
• Liberdade.....	1	2	3	4	5
• Morte.....	1	2	3	4	5
• Natureza.....	1	2	3	4	5
• Pessoas.....	1	2	3	4	5
• Problemas.....	1	2	3	4	5
• Saúde.....	1	2	3	4	5
• Sol.....	1	2	3	4	5
• Trabalho.....	1	2	3	4	5
• Tristeza.....	1	2	3	4	5
• Viver.....	1	2	3	4	5
• Vivo.....	1	2	3	4	5
• Vontade de viver.....	1	2	3	4	5

4. Relativamente ao que pensa, sente ou imagina sobre **a Vida**, em que medida são importantes, para si, outras opiniões, pensamentos, sentimentos ou imagines sobre a Vida nomeadamente de:

- | | |
|----|--------------------------------|
| 1. | Absolutamente nada |
| 2. | Pouco importante |
| 3. | Nem pouco nem muito importante |
| 4. | Bastante |
| 5. | Muitíssimo |

a) Amigos (as).....	1	2	3	4	5
b) Colega (s) de escola.....	1	2	3	4	5
c) Conhecidos (as)	1	2	3	4	5
d) Figura pública.....	1	2	3	4	5
e) Irmã (ao).....	1	2	3	4	5
f) Jornalista/crítico de música.....	1	2	3	4	5
g) Mãe.....	1	2	3	4	5
h) Melhor amigo (a).....	1	2	3	4	5
i) Músico de referência.....	1	2	3	4	5
j) Namorado (a).....	1	2	3	4	5
k) Outro familiar (-----).....	1	2	3	4	5
l) Outra pessoa de quem gosto muito.....	1	2	3	4	5
m) Professor (a).....	1	2	3	4	5
n) Pai.....	1	2	3	4	5

5. Em que medida **a Morte** lhe faz pensar, sentir ou imaginar...:

1.	Nada
2.	Pouco
3.	Nem pouco nem muito
4.	Muito
5.	Muitíssimo

• Acidente.....	1	2	3	4	5
• Angústia.....	1	2	3	4	5
• Caixão.....	1	2	3	4	5
• Cemitério.....	1	2	3	4	5
• Choro.....	1	2	3	4	5
• Confusão.....	1	2	3	4	5
• Cruz.....	1	2	3	4	5
• Curiosidade.....	1	2	3	4	5
• Desespero.....	1	2	3	4	5

• Deus.....	1	2	3	4	5
• Doença.....	1	2	3	4	5
• Dor.....	1	2	3	4	5
• Escuridão.....	1	2	3	4	5
• Família.....	1	2	3	4	5
• Familiar/próximo.....	1	2	3	4	5
• Fim.....	1	2	3	4	5
• Funeral.....	1	2	3	4	5
• Horror.....	1	2	3	4	5
• Infelicidade.....	1	2	3	4	5
• Lágrimas.....	1	2	3	4	5
• Mal.....	1	2	3	4	5
• Medo.....	1	2	3	4	5
• Pena.....	1	2	3	4	5
• Pensativo/a.....	1	2	3	4	5
• Perda.....	1	2	3	4	5
• Preto.....	1	2	3	4	5
• Revolta.....	1	2	3	4	5
• Saudade.....	1	2	3	4	5
• Sofrimento.....	1	2	3	4	5
• Solidão.....	1	2	3	4	5
• Suicídio.....	1	2	3	4	5
• Tristeza.....	1	2	3	4	5
• Vazio.....	1	2	3	4	5
• Vida.....	1	2	3	4	5
• Vida para além da morte.....	1	2	3	4	5

6. Relativamente ao que pensa, sente ou imagina sobre **a Morte**, em que medida são importantes, para si, outras opiniões, pensamentos, sentimentos ou imagens sobre a Morte nomeadamente de:

1.	Absolutamente nada
2.	Pouco importante
3.	Nem pouco nem muito importante
4.	Bastante
5.	Muitíssimo

a) Amigos (as).....	1	2	3	4	5
b) Colega (s) de escola.....	1	2	3	4	5
c) Conhecidos (as)	1	2	3	4	5
d) Figura pública.....	1	2	3	4	5
e) Irmã (ao).....	1	2	3	4	5
f) Jornalista/crítico de música.....	1	2	3	4	5
g) Mãe.....	1	2	3	4	5
h) Melhor amigo (a).....	1	2	3	4	5
i) Músico de referência.....	1	2	3	4	5
j) Namorado (a).....	1	2	3	4	5
k) Outro familiar (-----).....	1	2	3	4	5
l) Outra pessoa de quem gosto muito.....	1	2	3	4	5
m) Professor (a).....	1	2	3	4	5
n) Pai.....	1	2	3	4	5

Antes de terminar, por favor dê-nos algumas informações acerca de si:

Voltamos a lembrar que as suas respostas são **absolutamente anónimas e confidenciais**:

Sexo: Masculino	<input type="checkbox"/>	Feminino	<input type="checkbox"/>							
Idade: 15 anos	<input type="checkbox"/>	16 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	anos	<input type="checkbox"/>	anos	outra:	<input type="checkbox"/>	anos
Ano de escolaridade: 10º ano	<input type="checkbox"/>	11º ano	<input type="checkbox"/>	12º ano	<input type="checkbox"/>					
Agrupamento:	-----									
Escola:	-----									

Se desejar, pode deixar aqui algum comentário:

MAIS UMA VEZ AGRADECEMOS MUITO A SUA COLABORAÇÃO!